

ELIO DE ASSIS

O projeto “Recuperação de Ciclo I” no contexto da progressão continuada: Um estudo sobre a perspectiva dos professores

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP - 2006

ELIO DE ASSIS

O projeto “Recuperação de Ciclo I” no contexto da progressão continuada: Um estudo sobre a perspectiva dos professores

Dissertação de Mestrado
apresentada à Banca examinadora do
Programa de Estudos Pós-Graduados
da Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do Título de MESTRE em
Educação: Psicologia da Educação, sob
a orientação da Professora Doutora
Maria Regina Maluf.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP2006

ELIO DE ASSIS

O projeto “Recuperação de Ciclo I” no contexto da progressão continuada: Um estudo sobre a perspectiva dos professores

Profa. Doutora Maria Regina Maluf _____

Profa. Doutora Mitsuko Aparecida Makino Antunes _____

Profa. Doutora Zilma de Moraes Ramos de Oliveira _____

Agradecimentos

Meus especiais agradecimentos à Profa. Doutora Maria Regina Maluf pelo incentivo e apoio neste percurso.

À Secretaria da Educação do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro.

À professora que, aos meus sete anos, recebeu-me na escola. Seu nome guardo na memória.

Aprendi a ser professor com um grande amigo e irmão: Professor José Carlos da Silva.

Às professoras e professores, alunas e alunos, que na minha vivência de professor de escola pública sempre me motivaram.

A toda minha família que sempre esteve ao meu lado.

A minha esposa Márcia que Deus colocou generosamente na minha vida.

O projeto “Recuperação de Ciclo I” no contexto da progressão continuada: Um estudo sobre a perspectiva dos professores

Dissertação de Mestrado

PUC/SP - 2006

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi de apresentar a perspectiva de professores, da rede pública estadual paulista, que ministram aulas no projeto “Recuperação de Ciclo I”- voltado a atender os alunos que ao final do ciclo I, correspondente aos quatro anos iniciais do Ensino fundamental, não alcançaram os objetivos e foram encaminhados para o citado projeto. A coleta de dados foi realizada através de aplicação de questionário a vinte e quatro professoras de diversas escolas pertencentes a uma Diretoria de Ensino. O questionário era composto de treze questões, sendo quatro de dados sócio-demográficos e nove a respeito do projeto “Recuperação de Ciclo I”, progressão continuada e ciclos de aprendizagem. Os resultados mostram que as professoras que trabalharam no projeto centralizam suas expectativas na necessidade de formação permanente, no acompanhamento familiar e na motivação dos alunos, além da adequação do material as necessidades de alfabetização apresentadas pelos alunos. Os resultados também chamam a atenção para as questões referentes ao cotidiano escolar e os desafios enfrentados para que o projeto “Recuperação de Ciclo I” se torne de fato mais uma oportunidade de aprendizagem.

Palavras-chave: progressão continuada, ciclos de aprendizagem, recuperação de aprendizagem

ABSTRACT

This research intends to show the perspective of the State of São Paulo's public school teachers about the project "Recovery of cycle I". The referred project was set up to help students who have not reached the minimum Knowledge objectives at the end of cycle I, that is, the four initial years of the first level. The data collection was done with the use of a questionnaire filled up by twenty four teachers from different schools who worked in the project. The questionnaire have the total of thirteen questions: four about social-demographic subjects; and the rest about the project itself, about the "continuing progression" and about the learning cycles. The results show that these teachers look forward to get permanent self-development, and they also see the family's pupils support as something very important to the learning process, as well as, the students motivation. Besides that, the teachers say it is necessary to rethink the pedagogical material to the pupils' learning difficulties. The results also call challenges the project "Recovery of Cycle I" has faced to truly become an additional learning opportunity to those students.

Key words: continuing progression, cycles of learning, recovery of learning

Sumário

Introdução: Relatos da vivência de ser professor na rede pública

1 - Ciclos de aprendizagem - p. 01-05

2 - O Ciclo Básico nas séries iniciais do Ensino Fundamental na década de 80 no Estado de São Paulo – p. 06-09

3 - Histórico da implementação de projetos de recuperação/reforço de aprendizagem na rede pública estadual de São Paulo – p.10

3.1 A instituição da progressão continuada na rede pública estadual de São Paulo – p.10-15

3.2 O Projeto “Classes de Aceleração” e o Projeto “Recuperação de Ciclo I” – p.15-21

4 - Método

4.1 Problema e objetivo da pesquisa – p.22

4.2 Local e participantes – p.22-23

4.3 Instrumentos e procedimentos – p.23-24

5 – Apresentação e análise dos resultados

5.1 Características sócio-demográficos dos participantes – p.25-29

5.2 A experiência e as perspectivas das professoras em relação ao projeto “Recuperação de Ciclo I” – p.30

5.2.1 Implementação da progressão continuada – p.31-34

5.2.2 Material utilizado nas aulas do projeto – p.34-36

5.2.3 Formação continuada – p.36-39

5.2.4 Atendimento aos alunos – p.39-41

5.2.5 Vantagens para o processo de recuperação de aprendizagem - p.41-43

5.2.6 O problema real do ensino: a aprendizagem dos alunos – p.43-45

5.2.7 Inconvenientes do projeto “Recuperação de Ciclo I” - p.45-47

5.2.8 O trabalho do professor no próximo ano com turma do projeto – p.47-49

Considerações finais

Referências bibliográficas

Anexos

Introdução

Relatos da vivência de ser professor na rede pública

“Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Paulo Freire

A presente dissertação de Mestrado tem o objetivo de contribuir na busca de soluções para questões referentes à recuperação de aprendizagem, tal como ela ocorre na proposta de progressão continuada.

A pesquisa refere-se ao projeto instituído na rede pública estadual de São Paulo, conhecido como *“Recuperação de Ciclo I”*.

O projeto atende alunos que não atingiram os objetivos de aprendizagem propostos para as quatro séries iniciais. Consequentemente, tiveram que cursar mais um ano, com o objetivo de superar as dificuldades que encontraram durante o ciclo I.

O ciclo I, na rede estadual de São Paulo, corresponde às quatro séries iniciais do Ensino Fundamental, conforme Resolução SE nº4/98 da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Iniciei minha vida de professor em 1987. Durante quase vinte anos no magistério tive a oportunidade de conhecer um pouco da estrutura organizacional da educação pública estadual de São Paulo. Nestes anos fui professor de História, professor coordenador pedagógico, assistente pedagógico de História na Diretoria de Ensino, Vice-diretor de escola e atualmente sou Diretor de Escola titular de cargo.

Há muito tempo me preocupava com questões próprias da escola. Sempre me causou estranheza e indignação a falta de questionamento dos professores e da sociedade sobre a retenção do aluno. O que se ouve comumente é que a criança não aprende, é incapaz, ou um dos vários termos criados, entre eles: que não tem pré-requisito, não tem base, não tem interesse, a família não colabora, é

imaturo, é dislexo, é hiperativo e mais recentemente que o aluno não tem competência e habilidade. Mentiras que parecem verdades ...

Em minha vida de professor, ouço falar pouco de como podemos atender os alunos que têm dificuldades. Mas ouço falar frequentemente que eles têm problemas...

Essa questão, associada às formas adotadas de recuperação de aprendizagem dos alunos, tem me chamado a atenção em relação à sua organização, sua fundamentação teórica e os critérios utilizados para encaminhamento destes alunos a partir da avaliação.

Essa trajetória na educação me colocou diante do dilema: O que posso e devo fazer para contribuir na busca de soluções para questões referentes à recuperação de aprendizagem na proposta de progressão continuada.

A pesquisa para auxiliar no entendimento da perspectiva do professor que ministra aulas para crianças que não obtiveram sucesso nos 4 anos iniciais do ensino fundamental é uma tentativa de busca de solução para essa questão.

A experiência do trabalho com crianças e adolescentes me fez ter duas certezas: a de que eles são capazes de aprender além das nossas expectativas, a de que sozinhos, na árdua tarefa de educar, somos como Dom Quixote lutando contra os moinhos de vento.

A Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo desde 1982, com a implementação do ciclo básico, inicia um período de implantação de projetos que visam a recuperação de aprendizagem dos alunos e a discussão pedagógica do ato de avaliar.

Em 1996 foi criado o projeto de correção do fluxo escolar denominado “*Classes de Aceleração*” e em 1998 foi instituída a progressão continuada. O projeto “*Recuperação de Ciclo I*” é idealizado a partir da proposta do projeto “*Classes de Aceleração*”.

Esta pesquisa será realizada em torno das expectativas dos professores que ministram aulas no projeto “*Recuperação de Ciclo I*”.

Esse tema é significativo para a minha prática profissional, além de sua relevância educacional.

Realizamos a pesquisa com professores que ministraram aulas em turma de “*Recuperação de Ciclo I*” no ano de 2004. Foram aplicados questionários, os quais foram submetidos à análise de conteúdo.

1 – Ciclos de aprendizagem

A concepção de ciclos de aprendizagem é um dos maiores avanços ocorridos no âmbito pedagógico nas últimas décadas.

Desde a organização do sistema escolar, durante o período imperial no Brasil, a retenção é uma marca dolorosa das nossas escolas. Incorporou-se a falsa idéia que a retenção é a solução para aqueles que não aprendem.

A história dos ciclos é antiga em nosso país. Surge em razão da questão da retenção e posterior fracasso escolar.

A questão da retenção ou promoção automática na pauta de discussões educacionais vem de muito tempo. Almeida Júnior, em 1956, já alertava sobre o fato de que em 1943, 57,4% das crianças brasileiras do 1º ano reprovavam (65% em Alagoas!) e que “.. *duas grandes conseqüências acarretadas pela reprovação: - a evasão escolar e a estagnação*”. A questão financeira também era discutida: “*se ao fim do ano o aluno é aprovado, nada se pode reclamar, o dinheiro teve boa aplicação. Mas, se não é, perdeu-se a respectiva parcela do orçamento*”, e continua “*como em 1954 as reprovações no Estado de São Paulo foram de 31%, pode-se afirmar que, em virtude delas, os gastos da educação primária ficaram quase duplicados*”. Almeida Júnior já alertava para imitarmos os Estados Unidos e a Inglaterra, onde não existe reprovação, mas “*imitemo-la em toda a sua estratégia e não apenas no desfecho*”.

A escola em tempo integral, a obrigatoriedade escolar, a formação do professor e a revisão do currículo já eram propostas por ele: “*isto feito, a promoção automática se imporá como coroamento da excelência da escola e sintoma de maturidade do povo que mantém a instituição*”.

Conceituação de ciclos: estrutura e funcionamento

Diversos autores têm escrito sobre ciclos de aprendizagem, porém não existe uma definição clara, somente algumas indicações e caminhos a percorrer.

Perrenoud propõe que:

“um ciclo de aprendizagem poderia servir de quadro integrador e de ponto de apoio a uma evolução do ofício de professor, dos programas e das formações escolares, da avaliação e da luta contra as desigualdades”. (Perrenoud,2004,p.35)

A aprendizagem dos alunos deve estar dentro de um projeto mais amplo da escola, não deve ser somente uma busca desenfreada atrás de informações conteudistas baseadas em tempos de pouca duração e orientações simplistas dos esquemas e fórmulas dos livros didáticos.

Azevedo questionando a escola organizada por série e em ano letivo, e a organização curricular rígida, fundamenta a idéia de ciclo através dos:

“avanços da psicologia da aprendizagem e da psicopedagogia, respeitando os tempos de aprendizagem de cada indivíduo . Cada um aprende no seu ritmo, sem interromper sua progressão”.(Azevedo,1997,p.16)

Estas são as bases dos ciclos de aprendizagem.

A forma como a temporalidade dentro da cultura escolar tem sido tratada é um dos grandes entraves da educação. Lima discute esta questão quando trata da rigidez dos horários em que a escola se organiza baseando-se unicamente nas exigências burocráticas e nas divisões fracionadas dos livros didáticos.

“... se o objetivo da escola é promover a aprendizagem humana, o critério fundamental deveria ser a organização do tempo de forma que os indivíduos envolvidos sejam a prioridade e que, portanto, a concepção de tempo acompanhe os processos de aprendizagem e de ensino tal como eles ocorrem na espécie humana, evitando as rupturas criadas sempre que interrompemos uma explicação, uma atividade, um processo de reflexão por causa da forma rígida como o tempo é distribuído no dia a dia da escola”. (Lima,1998,p.5)

A definição de ciclos de aprendizagem tem maior relação com a pedagogia do que com a psicologia, embora tenha como proposta pedagógica uma fundamentação psicológica.

Os tempos mudaram, a democratização da sociedade contribuiu para refletirmos sobre a função da escola e o papel da educação.

Porém, não discutimos com tanta ênfase sobre o fato de que a retenção acaba com a auto-estima, desestimula o sujeito de aprender, retira a criança do seu grupo etário e causa desapontamento da família, constituindo-se em violência escolar, além de causar prejuízos econômicos.

Essa discussão ainda não foi superada na prática devido as dificuldades de implantação desta concepção teórica.

A concepção de ciclos de aprendizagem, com o seu princípio de progressão continuada é desconhecida de uma parcela considerável dos professores. Ainda ouvimos afirmações de que “não posso ensinar para o aluno da 5ª série o que ele deveria ter aprendido na 4ª série”. Observamos que sequer conseguimos superar o termo *série* em nosso vocabulário pedagógico.

Freitas (2003) considera que a luta fundamental dos educadores deve ser a escola de tempo integral, ao contrário das escolas de 4 ou 5 horas, acrescentada de “*penduricalhos*”, como reforço, recuperação e etc. A qualidade da educação depende das ações concretas da escola, no sentido de encontrar alternativas de solução para seus problemas reais.

Conhecer como ocorre o processo de aquisição de conhecimento pelo aluno e o processo de aquisição da leitura e escrita é o principal papel do professor e da escola para, a partir daí, organizar-se em uma proposta de tempos mais flexíveis

Os ciclos de aprendizagem pretendem romper com a seriação, superar a desarticulação e fragmentação curricular e ordenar os conhecimentos em tempos mais flexíveis, respeitando a clientela e os ritmos de aprendizagem, garantindo maior permanência dos alunos na escola.

Sabemos que o atendimento aos alunos em escolas públicas já foi praticamente alcançado, segundo dados recentes. Mas não basta estar matriculado, é preciso permanência com qualidade.

A concepção que orienta os ciclos de aprendizagem é base para melhoria da qualidade educacional oferecida as nossas crianças. No entanto, sem uma compreensão precisa de como a criança se desenvolve e aprende, esse caminho será mais longo, tortuoso, e de poucos resultados.

É direito do aluno estar na escola e aprender. Os percursos de formação e a construção das competências (Perrenoud 2004) fazem parte das obrigações do coletivo escolar e das políticas públicas.

A escola organizada em ciclos de aprendizagem é um espaço de formação. O conhecimento é concebido como parte integrante da formação humana.

A educação organizada em ciclos de aprendizagem, na perspectiva de ciclo de desenvolvimento humano (Arroyo1999), oferece vantagens para o processo ensino/aprendizagem, pois:

- exige maior profissionalização do professor, porque a formação continuada e a atualização são permanentes;
- o planejamento é flexibilizado com percursos de formação individualizados;

“ ... se os professores pudessem organizar como desejassem a gestão dos percursos de formação e os ritmos de progressão para os objetivos de final de ciclo, sem serem obrigados a visar conhecimentos definidos ao final de cada ano, e também sem precisar fazê-lo ao final de cada ano, trimestre ou mês ... com os ciclos desaparecem o percurso imposto, o calendário fechado e prazos de avaliações próximos. Essa é a condição de individualização dos percursos de formação.

O verdadeiro desafio dos ciclos é que a individualização dos percursos de formação seja praticável sem renunciar a levar todos os alunos ao domínio dos objetivos de final de ciclo.

Percursos de formação é oposto a igualdade dos conhecimentos adquiridos. Em um ciclo de aprendizagem todos os alunos chegam mais ou menos ao mesmo tempo, mas não fazem necessariamente os mesmos trajetos. Trajeto aqui entendido como seqüência de experiências formadoras, isto não significa individualizar o ensino. “É a trajetória que é individualizada, não a relação pedagógica”. (Perrenoud, 2004,p.17 e 18)

- atendimento diferenciado aos alunos. A retenção é uma diferenciação rudimentar que degrada a auto-imagem e se mostra ineficaz sendo o apoio pedagógico o dispositivo mais apropriado;

- os resultados de um ciclo de aprendizagem irão se manifestar quando a equipe pedagógica tiver dominado a complexidade do sistema e as dificuldades da cooperação profissional;

- continuidade e coerência, ao longo de alguns anos, sob a responsabilidade de uma equipe. O ciclo de aprendizagem deve ser confiado a uma equipe, às regras e estilos pedagógicos relativamente estáveis, evitando descontinuidades e incoerências;

- os objetivos de aprendizagem devem permanecer por vários anos como referências essenciais para orientação do trabalho do professor.

- as referências criadas a partir dos objetivos distinguem mais claramente os objetivos, conteúdos e estratégias;

- criação de uma cultura de documentação dos avanços da aprendizagem do aluno e não somente o registro de conceitos, notas ou simples referências;

- mobilização de professores, pais e alunos em torno da negociação e comunicação sobre a aprendizagem e das dificuldades de aprendizagem;

- os ciclos são uma oportunidade de passar da lógica dos programas para a lógica dos objetivos;

- necessidade de repensar o sentido da escola, das práticas avaliativas, dos registros de acompanhamento e do trabalho pedagógico;

- agilidade no fluxo escolar diminuindo o desperdício de recursos financeiros com a retenção;

- garantia da permanência dos alunos na escola, aumentando a média de escolaridade em anos.

Um período de formação não pode ser resumido a espaços curtos de tempo.

“ O que define a mudança de um período de formação não é, portanto o aniversário da pessoa(...) mas o crescimento físico, os processos de maturação biológica e desenvolvimento psicológico que o acompanham, as formas de comunicação, de construção de significado, de expressão, o desenvolvimento das funções psicológicas, tais como a atenção, a memória, a percepção, a imaginação, as formas de pensamento ” (Lima,1998,p.11)

Os ciclos de aprendizagem não objetivam apenas mais aprendizagem. Os ciclos de aprendizagem objetivam uma resignificação de todo o processo de aprender.

2 - O ciclo básico nas séries iniciais do ensino fundamental na década de 80 no Estado de São Paulo

O presente item tem a intenção de buscar explicações sobre os projetos de recuperação de aprendizagem dos alunos, em especial o projeto conhecido como *“Recuperação de Ciclo I”*.

A escola passou nas últimas décadas por mudanças consideráveis, em especial no nosso país. Essa escola se expande em um dos períodos mais complexos da nossa história – a ditadura militar e suas conseqüências a partir de 1964.

Até 1970 a escola pública atendia a poucos, eram escolas com qualidade. Atendiam aos filhos da elite, que seguiam os referenciais sociais e econômicos estabelecidos pela sociedade daquele período. A partir de 1970, com a emergência de um novo modelo econômico e social a escola passa a atender grande parcela das crianças das classes populares.

A partir dos anos 80 a organização política do nosso país passa por grandes transformações.

A redemocratização, a promulgação de uma nova Constituição em 1988 e uma nova Lei de Diretrizes e Bases em 1996, além dos vários movimentos em torno da educação pública, entre eles as greves do magistério público por todo o país, são marcantes neste período.

Com a redemocratização política as questões educacionais já possuem novas pautas, por exemplo, a implantação do Ciclo Básico na rede pública estadual de ensino do Estado de São Paulo em 1982.

Este trabalho limita-se ao que se refere às mudanças ocorridas na rede estadual paulista.

Este breve relato serve, neste momento, como início da minha proposta de pesquisa. Como entender a perspectiva dos professores em relação ao projeto *“Recuperação de Ciclo I”*? Qual a contribuição deste projeto para a construção da aprendizagem das crianças?

É com a decisão de pensar em uma escola preocupada com a efetiva aprendizagem dos alunos que me propus a pesquisar o projeto de *“Recuperação de*

Ciclo I” da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, que atende alunos do final do ciclo I, que não alcançaram os objetivos esperados. A intenção é pesquisar as perspectivas dos professores que ministram aulas no projeto “*Recuperação de Ciclo I*”.

A rede pública de ensino do Estado de São Paulo em consonância com as mudanças ocorridas em âmbito nacional com a Constituição Federal de 1988 e a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, implantou na rede estadual de ensino o sistema de progressão continuada em 1998 através da Indicação Conselho Estadual de Educação (CEE/SP) n.8/97 e Deliberação CEE/SP n.9/97.

A implantação desse sistema não foi por acaso, um histórico é necessário.

No início dos anos 80 os índices de reprovação dos alunos nas séries iniciais eram alarmantes, em todo o país verificava-se que os alunos reprovavam as séries iniciais por várias vezes, mesmo assim abandonavam a escola sem saberem ler e escrever.

52% das crianças brasileiras reprovavam o 1º ano em 1982, dados estatísticos muito próximos aos já denunciados em 1956. (*Almeida J.1956*)

O prejuízo econômico para o país era grande, mas a perda dessas crianças sem instrução básica, sem direitos mínimos, era incalculável.

Reprovavam-se os alunos acreditando que era a solução para a aprendizagem e pouco se questionava o prejuízo individual na formação da criança e o custo econômico-social da reprovação. Esse modelo de escola servia prioritariamente a uma pequena parcela da população e seus interesses de classe.

Pensando nessas questões no contexto da abertura política em 1982, alguns estados da federação resgatam os ideais da escola enquanto espaço público democrático. Movimentos envolvendo a questão da educação começam a ressurgir no país; sindicatos e organizações sociais têm em suas pautas internas a importância da educação pública e os movimentos sociais de todos os tipos, vêem na educação um dos principais caminhos para o fortalecimento das instituições democráticas no país.

O Estado de São Paulo, que tem um governo eleito diretamente em 1982, dentro do processo de democratização do país, implanta o ciclo básico nas escolas públicas em 1984. O ciclo básico tinha como proposta inicial a não retenção do aluno na 1ª série do então denominado 1º grau. Foi uma das principais tentativas de pensar a educação no âmbito do ensino/aprendizagem como um processo de

desenvolvimento da criança: o tempo da criança não é o tempo da escola. A superação do pressuposto da homogeneidade cognitiva é uma das bases desta concepção.

A proposta do ciclo básico de acordo com Duran,

“...no início da implantação, nas reuniões de apresentação e divulgação da proposta, manifestou-se uma forte resistência dos professores, diretores e supervisores de ensino, além de críticas oriundas de diferentes áreas da sociedade” (Duran,2003,p.63).

As propostas de mudanças educacionais, dos diversos setores sociais, ainda estavam restritas a pequenos grupos, reflexo dos anos de censura e restrições à imprensa e conseqüentemente às universidades.

A reação de parte do professorado paulista foi a rejeição ao ciclo básico de um modo geral. As inovações no cotidiano escolar sempre foram recebidas com muita resistência pela sociedade e pelos professores.

A seriação organizada em torno de alguns pontos, como a idéia do mais simples para o mais complexo, da superação de etapas, da linearidade, consolidados através do ideal dos pré-requisitos necessários para a aprovação e a formação de turmas homogêneas, reforçam e justificam o fracasso escolar como responsabilidade do aluno (Patto1991).

A construção de novas práticas na cultura escolar passa por reações de caráter conservador e a proposta do ciclo básico em São Paulo foi uma das primeiras no processo de redemocratização do país que transferiu o problema do fracasso escolar do âmbito individual e da análise macro estrutural para o campo da esfera do cotidiano escolar (Knoblauch, 2004).

Após mais de 20 anos da proposta do ciclo básico, a lógica da escola baseada no currículo centrado na idéia do conteúdo fechado e abstrato, a avaliação classificatória e a relação professor-aluno centrada no distanciamento humano e na não superação da lógica seriada ainda têm forte influência no cotidiano escolar. Prevalece em grande parte, o desconhecimento de como a criança aprende a ler e escrever, do modo como ocorre o processo de aquisição do conhecimento. A crença nas etapas de aquisição do conhecimento como linear e progressivo ainda fundamenta a idéia do aluno perfeito e da classe homogênea. A crença nas etapas

de aquisição do conhecimento como sendo um processo contínuo e igual para todos ainda sustenta a idéia de que todos os alunos aprendem da mesma forma e no mesmo ritmo e de que o desenvolvimento determina a aprendizagem.

A proposta do ciclo básico nasce para combater as conseqüências das “teorias da carência e déficit cultural” que até então, predominavam para justificar o fracasso escolar. Práticas diárias eram utilizadas para justificar o fracasso escolar como, separação de alunos em uma mesma turma e organização de turmas fracas e fortes. Como escreveu Patto:

“... dizem para o oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos à aprendizagem escolar”. (Patto, 1991, p.74)

A concepção predominante nas escolas era a do aluno pronto e das etapas a serem vencidas. Desconsiderava-se o contexto social e suas particularidades.

O Decreto Estadual nº 21.833, de 28 de Dezembro de 1983 implementou em São Paulo o Ciclo Básico. Retornando assim a idéia de Ciclo na educação pública, o antigo 1º grau constituído de 8 anos passou a ser idealizado, junto com as idéias de currículo, em três ciclos, sendo o 1º e o 2º ano o ciclo básico, 3º, 4º e 5º anos o ciclo intermediário e o 7º e o 8º ano o ciclo final.

A publicação deste decreto e de diversos documentos pela Secretaria de Educação de São Paulo iniciaram uma certa mudança na forma como parte dos professores entendiam a escola e o seu cotidiano.

Parte do magistério paulista reage negativamente a proposta do ciclo básico. A implementação do ciclo básico ocorre para tentar superar o genocídio da retenção no primeiro ano escolar, mas escancara outro problema de grande proporção: a formação docente.

3 - Histórico da implementação de projetos de recuperação/reforço de aprendizagem na rede pública estadual de São Paulo

Nos últimos anos alguns documentos oficiais começaram a utilizar o termo reforço da aprendizagem, em nosso entender termo mais apropriado que recuperação, pois implica em reforçar a aprendizagem a partir das necessidades do aluno, com intervenções do professor de acordo com a situação que o aluno se encontra.

O termo recuperação tem uma conotação mais voltada a retomar todo o conteúdo preestabelecido.

Este item desenvolverá contribuições para as evidências sobre o reforço de aprendizagem e sua importância significativa dentro da proposta de ciclos.

3.1 - A instituição da progressão continuada na rede pública estadual de São Paulo

A instituição da progressão continuada foi parte de toda uma reestruturação administrativa e pedagógica implementada pela SEE/SP dentro do plano do Governo Estadual eleito em 1994.

A Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP) em 1995 reestruturou toda a rede física separando as crianças e adolescentes em escolas de 1ª a 4ª série e escolas de 5ª a 8ª série e Ensino Médio. Esta reestruturação causou grande impacto na rotina escolar, desde o convencimento da comunidade de que o remanejamento era necessário, até a forte reação dos docentes devido à mudança de local de trabalho. A reorganização objetivava equipar as escolas com recursos apropriados ao público atendido e a organização dos espaços pedagógicos, principalmente com o projeto sala-ambiente.

A reorganização proporcionou um avanço para a organização da escola dentro da perspectiva da progressão continuada.

A reforma educacional ocorrida com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em 1996, apresenta mudanças significativas para a organização e estrutura do ensino. Entre elas a possibilidade de organização do ensino em ciclos.

Dentro de toda reorganização do ensino a questão pedagógica de maior impacto foi a instituição da progressão continuada no Estado de São Paulo pelo Conselho Estadual de Educação de São Paulo (CEESP) através da deliberação nº 9/97 e adotado pela Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo em 1998, na forma de ciclos para o ensino fundamental regular ou supletivo. O ensino fundamental que corresponde a 8 anos de escolaridade foi dividido em dois ciclos, sendo o ciclo I de 1ª a 4ª série e o ciclo II de 5ª a 8ª série.

No regime de seriação aprovava-se ou reprovava-se no final de um ano que corresponde a uma série, com a progressão continuada espera-se que a escola encontre caminhos de superação do fracasso escolar e tenha como horizonte a aprendizagem e o progresso do aluno dentro do ciclo de quatro anos.

A avaliação dentro da progressão continuada assume o papel de orientadora do professor, instrumento de diagnóstico dos avanços e dificuldades do aluno no processo de aprendizagem e desenvolvimento das habilidades. O conceito de avaliação assume um novo sentido na proposta da progressão continuada.

É esta a proposta da Secretaria da Educação no centro da reorganização, porém na prática a proposta encontra-se distante do que está normatizado.

A Secretaria da Educação, nos documentos oficiais, afirma que o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social do aluno só será possível no regime de progressão continuada se for acompanhada de avaliação contínua do processo de ensino / aprendizagem, de oportunidade de reforço escolar contínuo, individualizado e em pequenos grupos, além de rigoroso controle de frequência e permanência dos alunos na escola. As avaliações internas, externas e a proposta político-pedagógica da escola são consideradas fundamentais para o sucesso da proposta de progressão da aprendizagem.

O papel dos professores e dos gestores passa a ter importância crucial. Inúmeros cursos e capacitações são oferecidos aos docentes e gestores, entre os principais destaca-se o Programa de Educação Continuada (PEC) em parceria com universidades públicas, o Circuito Gestão – capacitação de lideranças e o Programa de Formação Universitária que habilitava em nível superior as professoras e professores habilitados apenas em nível médio.

A formação docente foi um dos pontos de intervenção. A Secretaria de Educação, para implementar a progressão continuada, investiu nas capacitações

dos docentes, procurou aprofundar a noção de formação continuada e atuação baseada no diálogo, interação e mediação do educador com o educando.

O desempenho de cada aluno ocorre de forma diferente em cada área do conhecimento e o que devemos ressaltar são os avanços obtidos. O erro é elemento de diagnóstico para repensar métodos, procedimentos e estratégias para melhorar a aprendizagem.

Estes são pontos basilares das orientações da SEE para implementação do regime de progressão continuada, apoiados na LDBEN 9394/96 e nas deliberações do CEE/SP, principalmente na deliberação CEE nº 9/97 que em seu artigo 1º, parágrafo 3º:

“O regime de progressão continuada deve garantir a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, o qual deve ser objeto de recuperação contínua e paralela, a partir de resultados periódicos parciais e, se necessário, ao final do período letivo”.

É este parágrafo que prevê a possibilidade de atendimento às crianças e adolescentes que necessitam mais tempo para a aprendizagem no final de cada período letivo, proporcionando dentro do sistema de progressão continuada, as aulas de reforço e o projeto de “Recuperação de Ciclo I”, que é objeto de estudo desta pesquisa.

O artigo 3º, item II e III, desta mesma deliberação, que trata do projeto educacional para implantação do regime de progressão continuada, deixa evidente a preocupação com a avaliação que deverá ser cumulativa e processual:

“Avaliações da aprendizagem ao longo do processo, conduzindo a uma avaliação contínua e cumulativa da aprendizagem do aluno, de modo a permitir a apreciação de seu desempenho em todo o ciclo”.

E orienta que o reforço e a recuperação, são processos distintos, porém com finalidades próximas :

“... atividades de reforço e recuperação paralelas e contínuas ao longo do processo e, se necessárias, ao final do ciclo ou nível”.

Neste trecho citado fica evidente que a escola deve oferecer várias oportunidades de aprendizagem ao aluno. Entre elas a recuperação de final de ciclo, fornecendo embasamento legal a criação do projeto *“Recuperação de Ciclo I”*.

O mesmo Conselho Estadual de Educação publicou em 1997, a indicação CEE nº 8/97, que teve como relatores os conselheiros Francisco Aparecido Cordão, na época presidente do CEE, e Nacim Walter Chieco, onde afirmam em relatório do Conselho pleno:

“A experiência recente demonstra que é perfeitamente viável uma mudança mais profunda e radical na concepção da avaliação da aprendizagem”.

Esta afirmação é resultado da preocupação com a mudança da forma de avaliar dentro da proposta do regime de progressão continuada pois:

“...trata-se de uma mudança profunda, inovadora e absolutamente urgente e necessária”

A democratização e universalização da educação básica terão avanços significativos quando incorporarmos em nosso fazer, pensar e refletir diários, o conceito de que a aprendizagem é um processo contínuo e espiral e que as práticas avaliativas são instrumentos de diagnóstico, para crescimento da proposta de ensino e avanço na superação das dificuldades.

O sucesso da progressão continuada, segundo a indicação CEE nº 08/97 está em que:

“O processo de avaliação em sala de aula deve receber cuidados específicos por parte de professores, diretores, coordenadores pedagógicos e supervisores de ensino, pois esta avaliação contínua, em processo, é o eixo que sustenta a eficácia da progressão continuada nas escolas. A equipe escolar deverá ter claros padrões mínimos de aprendizagem esperada para seus alunos”.

O Conselho Estadual de Educação reafirmou na época a necessidade de ampla divulgação e participação da comunidade no debate e implementação do regime de progressão continuada.

A SEE/SP publicou em 1998 um documento denominado “*A Organização do Ensino na Rede Estadual*” com orientações para as escolas sobre mudanças ocorridas após a publicação da LDBEN e a deliberação CEE nº 9/97 que instituiu o regime de progressão continuada.

Neste documento onde trata do regime de progressão continuada é clara a afirmação:

“... a repetência série a série, gerou uma prática que desconsiderava o crescimento cognitivo da criança “(p.18)

E o regime de progressão continuada vem considerar o:

“... avanço contínuo dos alunos em dado grupo de séries escolares... não elimina nem o esquema seriado, nem os patamares de conteúdos e habilidades”. (p.18)

Esta orientação vem em oposição ao discurso de que na progressão continuada não é necessário avaliar as habilidades e competências e de que não é preciso ter referencial curricular.

Em seqüência afirma que:

“ elimina, entretanto, o corte rígido por meio de reprovações e retrocessos ao final de cada série e abre a possibilidade, através de um sistema intensivo, paralelo e contínuo de reforço e recuperação, de todos os alunos irem avançando com seu grupo-classe nas séries intermediárias de cada ciclo. Deve, contudo, ser atingido um determinado patamar de aprendizagem ao final de um grupo de séries ou ciclo” (p.21)

A avaliação contínua e formativa é elementar nesta proposta. O reforço escolar com acompanhamento individualizado, com número reduzido de alunos por turma, é um dos pontos mais delicados deste processo de oferecer as crianças novas oportunidades de aprendizagem, desde que, com metodologia e recursos diferentes dos corriqueiramente utilizados.

A rede pública estadual de São Paulo, estabeleceu a implementação do sistema de progressão continuada associada aos projetos de recuperação de aprendizagem. Entre os projetos de recuperação de aprendizagem destaca-se o projeto de “*Recuperação de Ciclo I*”.

3.2 - O projeto “*Classes de Aceleração*” e o projeto “*Recuperação de Ciclo I*”

Utiliza-se comumente o termo projeto ou proposta para identificar um conjunto de idéias e ações que possam contribuir para a melhoria do que se pretende.

A rede pública de ensino do Estado de São Paulo já passou por vários projetos, entre os mais significativos temos o “*Ciclo Básico*” (1982) e as “*Classes de Aceleração*” (1996).

Segundo o dicionário Aurélio *PROJETO* é uma idéia, desejo, intenção de fazer ou realizar. *PROPOSTA* é o ato ou efeito de propor, proposta para uma realização que será estudada e avaliada.

A utilização do termo projeto ou proposta deve ser melhor encaminhado para evitar descaracterização de um ou de outro.

A proposta pedagógica é a base da escola. É nela que se reflete, se pensa e se organiza toda a estruturação da escola, desde sua função social até suas práticas cotidianas, passando por aí com crucial importância a questão do processo ensino/aprendizagem.

Dentro da proposta pedagógica da escola, que é aquilo a que ela se propõe, é que se encontram os seus projetos, seus desejos intencionais de fazer, de realizar suas idéias.

Como escreveu Gadotti

“ *O projeto da escola depende, sobretudo, da ousadia dos seus agentes, da ousadia de cada escola em assumir-se como tal, partindo da*

‘cara’ que tem, com o seu cotidiano e o seu tempo-espaço, isto é, o contexto histórico em que ela se insere. Projetar significa ‘lançar-se para frente’, antever um futuro diferente do presente. Projeto pressupõe uma ação intencionada com um sentido definido, explícito, sobre o que se quer inovar’’. (Gadotti,1994,p.6)

Não é intenção do autor deste texto aprofundar o estudo sobre o projeto “*Classes de Aceleração*”.

O que interessa neste momento é entender a formulação do projeto “*Recuperação de Ciclo I*” dentro da proposta do projeto “*Classes de Aceleração*”.

As dinâmicas, movimentos e implicações do projeto “*Classes de Aceleração*” na elaboração do projeto “*Recuperação de Ciclo I*” se propõe a reforçar a aprendizagem dos alunos que não alcançaram os objetivos dentro do ciclo I na proposta de progressão continuada.

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo utilizou a concepção teórica, metodologia e organização do projeto “*Classes de Aceleração*” para implementar o projeto “*Recuperação de Ciclo I*”.

O projeto “*Classes de Aceleração*” destinava-se a crianças e adolescentes que apresentavam distorção idade/série.

A proposta pedagógica deste projeto pretendia:

“ recuperar a trajetória dos alunos, buscando eliminar a defasagem entre série e idade regular de matrícula, (...) reintegrando-os no percurso regular do Ensino Fundamental” (1998 p.7)

O parecer nº 170/96 do Conselho Estadual de Educação (CEE) e as resoluções de 13/05/96 e 03/07/96 normatizaram e ampararam legalmente a criação das “*Classes de Aceleração*”.

A concepção e fundamentação teórica do projeto “*Classes de Aceleração*” baseava-se nos seguintes pressupostos: toda criança é capaz de aprender; a interação professor/aluno é fundamental para que ocorra a aprendizagem; a aprendizagem esta intimamente relacionada a auto-estima. Sobre a questão da

auto-estima nas Classes de Aceleração vale consultar o trabalho de Franco (2001).

A proposta pedagógica das “*Classes de Aceleração*” procurava articular concepção de educação com objetivos, currículo e principalmente avaliação como processo. Sem esta articulação o sucesso da proposta estaria comprometido, não só das turmas de aceleração, mas de todo o projeto de escola.

Depois de elaborada a proposta curricular a SEE/SP implantou o projeto em Fevereiro de 1996 em 160 escolas estaduais de 21 Diretorias de Ensino da capital e grande São Paulo, onde eram maiores os índices de defasagem idade/série.

Nos anos seguintes o projeto se estendeu a outras escolas estaduais como demonstra o quadro abaixo:

Quadro I – n° de escolas e n° de alunos atendidos nos três primeiros anos do Projeto Classes de Aceleração

<i>Ano</i>	<i>Número de escolas</i>	<i>Número de alunos atendidos</i>
1996	160	10.350
1997	801	40.870
1998	1.716	73.850

A proposta do projeto previa que o aluno deveria alcançar objetivos delineados na proposta e ter freqüência mínima de 75%.

A organização estrutural do projeto era inicialmente da seguinte forma, segundo a Resolução SE de 13/05/96 e Resolução SE nº77 de 03/07/96(anexoIV):

- “Aceleração I”: alunos provenientes do ciclo básico (1° e 2° ano), com 10 anos de idade ou mais, eram encaminhados para a Aceleração I e no término do ano, se alcançado os objetivos e freqüência de 75% cursariam no ano seguinte a Aceleração II, a 4ª ou 5ª série;
- “Aceleração II”: alunos provenientes da 3° ou 4ª série, com 11 anos de idade ou mais, eram encaminhados para a Aceleração II e no término do ano, se alcançado os objetivos e freqüência de 75% cursariam no ano seguinte a 4ª ou 5ª série;

Caso estes alunos não alcançassem os objetivos, no próximo ano eram matriculados em novas turmas do projeto.

Nos dois casos os alunos encaminhados estão fora da idade, a distorção idade/série em alguns casos era de vários anos: 4 ou 5 anos, alunos de 12/13 anos cursando a 2ª ou 3ª série pela terceira ou quarta vez. A defasagem idade/série era de 30% até a 4ª série e mais de 40% a partir da 5ª série.

Os professores que ministravam aulas neste projeto recebiam capacitação de 120 horas de duração distribuídas anualmente em cinco encontros de 24 horas.

A utilização do material pedagógico elaborado especificamente para os alunos e professores deste projeto era o centro das discussões destas capacitações.

O material era composto de material de apoio ao aluno; material de apoio ao professor; apoio para implementação da proposta pedagógica com ênfase nos aspectos pedagógicos, administrativos e organizacionais e proposta pedagógica do projeto *“Classes de Aceleração”*.

O projeto *“Classes de Aceleração”* tinha como principal preocupação atender aqueles alunos que se encontravam em uma situação de múltiplas repetências na escola e a conseqüente evasão escolar e distanciamento das oportunidades de inserção social e exercício da cidadania.

Atender estes alunos com uma proposta pedagógica diferenciada era, antes de tudo, oferecer-lhes novas oportunidades de integração com a escola e com o mundo do conhecimento.

A reinserção do aluno proveniente das *“Classes de Aceleração”* nas classes comuns significava resgatar o aluno, sua auto-estima e sua valorização pessoal.

A proposta pedagógica do projeto tinha a pretensão de ser adequada à realidade e ter objetivos claros, sem perder de vista a qualidade da educação e a aprendizagem dos alunos.

“ Assim, se temos os alunos e suas possíveis dificuldades, por outro lado temos um contexto escolar que precisa ser alterado, no sentido de adequar a sua proposta e tornar-se mais estimulante, para favorecer a ocorrência de aprendizagens, acolhendo e acreditando nas possibilidades de avanço desses alunos”(1998p.8)

A proposta pedagógica das “*Classes de Aceleração*” tem como horizonte uma nova significação para a cultura escolar.

“Uma proposta com este referencial precisa ser clara e planejada em suas várias dimensões (...) desmontando a cultura da repetência e instalando definitivamente a cultura da aprendizagem escolar” (1998 p.9)

Em relação aos objetivos a proposta das “*Classes de Aceleração*” considera o que se pretende atingir com o Ensino Fundamental, garantindo-se a sequência da aprendizagem com planejamento adequado e envolvimento coletivo.

“ (...) há necessidade do envolvimento de toda a equipe escolar, para elaboração de uma proposta integrada ao projeto da escola e direcionada à busca das aprendizagens fundamentais, partindo de fato do ponto em que os alunos estão, para daí prosseguir, dando impulso e continuidade ao processo de ensino-aprendizagem” (1998 p.11)

E prossegue:

“ (...) entende-se que o processo de conhecimento, que não é linear, cresce em complexidade, sendo acompanhado pela sequência de programação que se desenha para as 8 séries” (1998 p.15)

O projeto “*Recuperação de Ciclo I*”, criado em 2000, tem em seu desejo intencional de fazer, “*desenvolver as habilidades e competências esperadas para o final das quatro séries iniciais do ciclo I, oferecendo ao aluno a oportunidade de cursar mais um ano*” conforme documentos oficiais da SEE/SP.

Este projeto “*Recuperação de Ciclo I*” tem o objetivo de complementar a proposta pedagógica da escola oferecendo aos professores uma maior reflexão sobre sua prática, sobre a produção dos alunos e conseqüente intervenção sobre as dificuldades apresentadas.

O projeto “*Recuperação de Ciclo I*” tem em seus pressupostos teóricos os mesmos idealizados na concepção de educação e processo de ensino/aprendizagem das “*Classes de Aceleração*”: toda criança é capaz de

aprender; para ocorrer a aprendizagem a interação professor/aluno é fundamental; a valorização do aluno e conseqüente melhora da auto estima estimula a aprendizagem.

O ensino fundamental na rede estadual de São Paulo esta dividido em dois ciclos de 4 anos. Os ciclos são organizados em progressão continuada, sendo que no 4º ano do ciclo (4ª série e 8ª série) a escola tem a opção de organizar turma, ou turmas, de Recuperação de Ciclo. Podendo ser Recuperação de Ciclo I, correspondente ao ciclo I (1ª ao 4ª ano) e Recuperação de Ciclo II, correspondente ao ciclo II (5º ao 8º ano). Neste estudo nos interessa a “*Recuperação de Ciclo I*”, que corresponde aos alunos atendidos durante os quatro primeiros anos do ensino fundamental.

A escola, segundo a legislação, não é obrigada a organizar turma de recuperação de ciclo. A escola somente criará turmas do projeto caso avaliar que seja adequado.

Durante os quatro anos iniciais do ensino fundamental da rede pública do estado de São Paulo, conhecido como ciclo I a criança não pode ser reprovada. A reprovação só ocorre no caso de freqüência inferior a 75%, sendo que a escola não pode deixar que isto ocorra, solicitando empenho da família e do Conselho Tutelar, além de outras alternativas criadas pela própria escola.

Durante estes quatro anos iniciais a escola tem a responsabilidade de oferecer cinco aulas semanais de reforço escolar para as crianças com dificuldade de aprendizagem, segundo resolução da SEE/SP.

Nos últimos anos a Secretaria de Estado da Educação passou a oferecer para as quatro séries iniciais - Ciclo I, duas aulas de Arte e duas de Educação Física, com professores devidamente habilitados nesta disciplina. Durante a aula a professora da turma deve acompanhar o professor de artes ou educação física.

Se a escola, através do conselho de classe, composto pelos professores, direção e coordenação pedagógica, após análise dos registros de acompanhamento individual e parecer do professor, considerar que o aluno não alcançou os objetivos propostos para as primeiras quatro séries, ele poderá ser encaminhado para a formação de turma de Recuperação de Ciclo I.

A turma de “*Recuperação de Ciclo I*” é composta de no máximo 25 alunos e tem o objetivo de recuperar as lacunas de aprendizagem apresentadas por estes

durante os quatro anos cursados. O registro diagnóstico realizado pelos professores durante os quatro anos é imprescindível para o encaminhamento.

Estes alunos encaminhados para cursar a turma de “*Recuperação de Ciclo I*”, após o término do ano letivo são encaminhados para o Ciclo II (5ª série), não sendo permitido por resolução específica que estes alunos sejam reprovados.

Todo o projeto “*Recuperação de Ciclo I*” passa por uma série de dificuldades no seu desenvolvimento durante o ano, principalmente na questão da formação docente.

4- Método

4.1 - Problema e objetivo da pesquisa

Este projeto de pesquisa tem como objetivo identificar as perspectivas dos professores que ministram aulas no projeto de *"Recuperação de Ciclo I"*, sobre o reforço de aprendizagem dos alunos, a partir da experiência desses professores.

O conhecimento e compreensão das experiências desses professores deverão gerar subsídios para aprimoramento do projeto, sua organização, execução e capacitação docente.

As perguntas que formulamos sobre as opiniões dos professores sobre o projeto *"Recuperação de Ciclo I"* são:

- qual a opinião dos professores a respeito do projeto *"Recuperação de Ciclo I"* como parte da proposta de progressão continuada?
- Na opinião dos professores as orientações/cursos oferecidos contribuem efetivamente para prepara-los pedagogicamente para ensinar as crianças e atendem suas necessidades de formação docente?
- Como os professores avaliam sua própria experiência em trabalhar no projeto *"Recuperação de Ciclo I"*?

4.2– Local e participantes

Participaram 24 professores que atuavam nas turmas do projeto *"Recuperação de Ciclo I"* da diretoria de ensino pesquisada.

Foi escolhida para a pesquisa uma Diretoria que atende a 86 escolas.

Diretoria de ensino é um órgão regional dentro da estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

Atualmente a Secretaria da Educação tem em sua estrutura organizacional 46 diretorias de ensino em todo o Estado.

O projeto *"Recuperação de Ciclo I"* é acompanhado na diretoria de ensino pesquisada por um supervisor de ensino. A Oficina Pedagógica, que é um setor da

Diretoria de Ensino, também acompanha o projeto através de um professor designado como assistente técnico pedagógico.

O assistente técnico pedagógico realiza bimestralmente encontro de 16 horas com os professores que ministram aulas nestas turmas com a finalidade de oferecer capacitação em serviço, orientação didático-pedagógica e discussões sobre o andamento das turmas e necessidades dos alunos.

Nas escolas em que o projeto “*Recuperação de Ciclo I*” ocorre são responsáveis por seu acompanhamento o diretor, o coordenador pedagógico e o professor da turma.

4.3– Instrumento e procedimentos

Construção do questionário

O questionário aplicado aos professores foi construído após uma entrevista gravada (Anexo I) realizada com duas professoras que ministraram aulas em turmas deste projeto em 2003, mas não ministravam mais em 2004. Esse pesquisador, durante a entrevista gravada perguntou as entrevistadas sobre temas relacionados ao projeto “*Recuperação de Ciclo I*”. Foi priorizada a liberdade na fala das professoras e não perguntas prontas.

Após a transcrição da entrevista foram formuladas uma série de perguntas que foram úteis para identificar as perspectivas dos professores que trabalham com recuperação de aprendizagem.

Das várias opções de perguntas a serem formuladas foram selecionadas 13 para o questionário de aplicação. Também foi levada em consideração a experiência do pesquisador como diretor de escola, para a construção do questionário.

Aplicação do questionário

Através do setor de protocolo geral da diretoria de ensino foram enviados questionários para as 33 escolas que possuíam turmas de “*recuperação de ciclo I*”.

Para cada escola foi enviada a quantidade de questionários correspondente ao número de turmas de “*Recuperação de Ciclo I*”.

Vinte e quatro escolas possuíam uma turma, oito escolas possuíam duas turmas e uma escola possuía três turmas, totalizando 43 turmas, sendo assim 43 questionários foram enviados.

Dos 43 questionários enviados foram devolvidos 24 no setor de protocolo da diretoria de ensino aos cuidados do pesquisador.

O questionário foi devolvido em envelope lacrado sem identificação da escola e do respondente, conforme orientação escrita. (Anexo II, III).

Era esperado que parte dos questionários não fossem devolvidos, pois a colaboração era voluntária.

5 – Apresentação e análise dos resultados

A seguir serão apresentadas as características sócio-demográficos dos participantes e a análise das respostas aos questionários aplicados.

5.1 – características sócio-demográficos dos participantes

Foi realizada análise dos dados sócio-demográficos e do conteúdo das respostas do questionário contendo 13 questões.

As questões de número 01 até a 04 perguntavam aos respondentes sobre a idade, sexo, tempo de magistério, situação funcional, se já havia ministrado aulas em projetos de reforço ou recuperação de ciclo e como ocorreu o processo de atribuição de aulas/turma.

Todos os 24 respondentes são do sexo feminino e somente um dos respondentes não atuava como docente antes de 1998.

A tabela 1 apresenta os dados:

Tabela 1 – análise dos dados sócio- demográficos

Nº	Idade	Tempo de magistério*	Situação funcional	Já ministrou aulas de reforço	Já assumiu turmas de RCI anteriormente	Atribuição de classe**
1.	49	13	ACT	SIM	SIM	E
2.	32	12	ACT	NÃO	SIM	S/R
3.	45	18	ACT	SIM	SIM	D
4.	43	16	ACT	SIM	SIM	D
5.	40	19	EFE	SIM	SIM	A
6.	33	14	ACT	SIM	SIM	D
7.	37	17	ACT	SIM	NÃO	D
8.	34	08	S/R	SIM	NÃO	E
9.	37	12	ACT	SIM	NÃO	E
10.	36	15	ACT	NÃO	NÃO	D
11.	42	13	ACT	SIM	SIM	D
12.	35	16	ACT	SIM	SIM	D
13.	43	20	ACT	SIM	NÃO	F
14.	44	11	ACT	SIM	SIM	D
15.	40	20	EFE	NÃO	NÃO	C
16.	34	15	ACT	SIM	NÃO	F
17.	48	20	S/R	NÃO	NÃO	F
18.	37	10	ACT	SIM	SIM	S/R
19.	47	19	ACT	SIM	NÃO	F
20.	37	16	EFE	NÃO	SIM	B
21.	38	19	ACT	NÃO	NÃO	D
22.	41	S/R	ACT	SIM	NÃO	F
23.	41	10	ACT	NÃO	NÃO	D
24.	39	16	ACT	SIM	SIM	D

Legenda: S/R – sem resposta ACT – admitido em carácter temporário EFE – titular de cargo efetivo

* tempo de magistério em anos **atribuição de classe

A- escolheu a classe livremente na escola.

B- a direção da escola lhe atribuiu porque você tem o perfil necessário de acordo com a proposta do projeto.

C- não teve escolha foi a classe que sobrou na escola.

D- escolheu a classe livremente na atribuição de classe na Diretoria de Ensino.

E- não teve escolha foi a classe que sobrou na Diretoria de Ensino.

F- outras razões

A média de idade das professoras é de trinta e nove anos e seis meses. Variando entre 32 e 49 anos de idade.

A média de tempo de trabalho no magistério é de quinze anos e dois meses. Variando entre oito e vinte anos. Considerando-se a média de idade das professoras verificamos que todas possuem certa experiência no magistério.

No que diz respeito à situação funcional três professoras são titulares de cargo efetivo, 19 são admitidas em caráter temporário (ACT), e duas professoras não responderam sobre sua situação funcional.

Sobre o fato de já terem ministrado aulas de reforço, do total de 24 professoras 17 já ministraram aulas em algum projeto de reforço escolar e sete nunca ministraram aulas de reforço.

Doze professoras ministraram aulas no ano de 2003 em turmas de *“Recuperação de ciclo I”*, ou seja, já possuíam alguma experiência neste projeto quando assumiram a turma. As outras doze ministram aulas pela primeira vez neste projeto.

Sobre a atribuição de classe todo o processo de atribuição é regulamentado por resolução específica, publicada habitualmente no mês de Dezembro, com o objetivo de assegurar a transparência nos procedimentos porque envolve milhares de professores. Todo o processo é liderado e organizado, seguindo as normas da resolução, por Dirigentes de Ensino, Supervisores de Ensino e Diretores de Escola.

A primeira etapa do processo de atribuição de classe ocorre inicialmente na escola para os professores efetivos. Ser professor efetivo em determinada escola não significa escolher livremente a classe que deseja trabalhar naquela escola, uma vez que, existe uma classificação de acordo com a pontuação do professor, que é determinada pelo tempo de magistério e pelos títulos que possui. As turmas de *“Recuperação de Ciclo I”*, por orientação da Secretaria da Educação, podem ser atribuídas pelo Diretor da escola de acordo com o perfil do professor.

As três professoras efetivas que responderam ao questionário tiveram classe de *“Recuperação de Ciclo I”* atribuída em situações distintas. Uma professora efetiva escolheu a classe livremente na escola onde é titular (A). Outra professora

efetiva teve a classe atribuída pela Direção da escola (B). E outra professora (C), respondeu que não teve escolha, pois foi a única classe que sobrou na escola.

A segunda etapa da atribuição de classe é organizada pela Diretoria de Ensino.

Algumas escolas não possuem professores efetivos em número suficiente para lecionar nas turmas formadas para o ano letivo ou alguns professores efetivos se encontram afastados em licença saúde ou designados vice-diretores, coordenadores pedagógicos etc. Portanto estas turmas remanescentes são encaminhadas para a Diretoria de Ensino realizar a atribuição de classe.

Todos os professores ACT encaminham-se para uma escola pré-determinada pela Diretoria de Ensino para participar da atribuição de classe.

A atribuição das classes é realizada de acordo com a classificação do professor ACT de acordo com a pontuação obtida através do tempo de magistério e títulos que possui.

Duas professoras ACT não responderam sobre o processo de atribuição de classe e as outras dezenove professoras ACT responderam da forma como veremos a seguir.

De acordo com as respostas dadas pelas professoras ACT sobre a atribuição de classe, onze(D) delas responderam que escolheram a turma livremente na atribuição de classe na Diretoria de Ensino.

Duas (E) professoras responderam que não tiveram escolha pois foi a classe que sobrou na Diretoria de Ensino. Uma (E) professora também respondeu que não teve escolha pois foi a classe que sobrou na Diretoria, porém não respondeu se é professora efetiva ou ACT.

Quatro(F) professoras responderam ter outras razões para escolha da classe de *“Recuperação de Ciclo I”*. Uma(F) professora também respondeu ter outras razões, porém não respondeu se é professora efetiva ou ACT.

Este processo de atribuição de classe, em nosso entender, é complexo administrativamente e equivocado pedagogicamente.

É complexo administrativamente, pois envolve milhares de professores contratados em uma atribuição centralizada. É equivocado pedagogicamente, pois desconsidera que manter o professor em uma mesma escola é um indicativo de qualidade no acompanhamento pedagógico. Recentemente a Secretaria de Estado da Educação realizou um concurso público para efetivação, porém somente uma média

de 70% dos professores serão efetivados. Novos concursos para efetivação e conseqüente permanência do professor na escola é significativo para os encaminhamentos pedagógicos e para a proposta pedagógica da escola fundamentada na progressão continuada.

Parte dos professores acaba mudando de escola por falta de opção de escolha e vários não conseguem nenhuma classe neste período inicial de atribuição, perdendo o vínculo empregatício, o que significa perder o emprego.

5.2 - A experiência e as perspectivas das professoras em relação ao projeto “Recuperação de Ciclo I”

As respostas ao questionário aplicado às professoras que ministram aulas no projeto “*Recuperação de Ciclo I*” foram submetidas à análise de conteúdo. Para análise qualitativa foram utilizados procedimentos de análise de conteúdo conforme BARDIN (1977) e FRANCO (2004).

A análise de conteúdo parte de informações resumidas, organizadas sobre opiniões e idéias que se exprimem sob a forma escrita ou verbal.

Segundo FRANCO (2004):

“O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.”(p.13)

As informações para análise de conteúdo podem ser obtidas através de grupos de debate ou individualmente. A expressão verbal ou escrita do respondente permite observar as várias formas de comunicação, suas motivações, interpretações e opiniões subentendidas.

No caso desta pesquisa, realizada através de questionário aberto individual, a análise de conteúdo tem o objetivo de analisar a opinião das professoras sobre o projeto “Recuperação de Ciclo I”. Para BARDIN (1996) a análise de conteúdo é

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visa obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.47)

Os dados obtidos pela análise de conteúdo devem ser relacionados entre si, o que proporciona maior relevância teórica nas descobertas e conseqüentemente uma análise mais precisa, já que:

“... a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”. (FRANCO 2004 – p.20)

Trataremos das respostas das professoras, sendo que as respostas às questões do número 05 até o número 13 referem-se, mais especificamente, ao projeto *“Recuperação de Ciclo I”* e à progressão continuada.

Partindo das respostas obtidas em cada uma das questões, o respondente poderia aprofundar a resposta não se limitando apenas a responder sim/não - concordo/discordo, se assim o desejasse.

Como parte dos procedimentos de análise, foram criadas categorias de conteúdo.

Será feita a análise de cada uma das questões respondidas sendo que as questões 07 e 08 serão analisadas em conjunto.

5.2.1 - Implementação da progressão continuada

Na questão número 5 *“Qual a sua opinião sobre esta afirmação: ‘A educação nas escolas melhorou com a implementação da progressão continuada porque estabelece objetivos para serem atingidos em diferentes tempos para diferentes alunos’. Por quê?”*.

Sete professoras concordaram com a afirmação. Dez concordaram parcialmente, quatro discordaram e três não responderam.

Os respondentes foram solicitados a dizer a razão pela qual concordavam ou não concordavam.

Para as respostas das sete professoras que concordaram as justificativas dadas referem-se ao fato de que a progressão continuada *“favorece a aprendizagem dos alunos”*. Duas respostas estão incompreensíveis e as outras cinco justificaram-se, respondendo:

“Porque através da progressão continuada, você aprende a trabalhar respeitando os limites de cada aluno e os ajuda a superar obstáculos e atingir objetivos”.

“Porque ela abrange pessoas de diferentes necessidades, mas requer diferentes capacitações para que os professores possam tratar as necessidades de uma melhor maneira”.

“Porque o aluno está na série, digo, de acordo com sua real situação de aprendizado”.

“Com a implementação da progressão continuada os alunos têm a oportunidade de continuamente ir superando suas dificuldades e aperfeiçoando suas qualidades”.

“Porque o aluno tem tempo suficiente para vencer as etapas de cada ciclo”.

Dez professoras concordaram parcialmente quando questionadas sobre a educação nas escolas ter melhorado com a implementação da progressão continuada. As respostas relacionam-se à: *“formação docente insuficiente”*, *“falta de acompanhamento familiar”*, *“qualidade de ensino é insuficiente”* e *“não favorece o empenho e esforço dos alunos”*. Três respostas estão incompreensíveis.

Três professoras fizeram referência à *“formação docente insuficiente”*.

“Existem vários tipos de professores, alguns são realmente profissionais”.

“Precisamos de professores muito mais conscientes... precisamos ‘transformar’ muitos professores”.

“Segundo os estudiosos, as crianças têm tempo de vida para o aprendizado. Só que, no meu ponto de vista, os professores têm um despreparo para trabalhar com essa afirmação”.

Duas referiram-se à *“falta de acompanhamento familiar”*.

“Acredito que a falha continua sendo no despreparo das famílias desses alunos, que não estimulam o aprendizado, encarando essa progressão continuada como: - no fim, eles vão passar mesmo!”.

“Muitas vezes, a própria família não se interessa com a aprendizagem, acreditam que eles vão passar, deixando sua função de lado”.

Duas professoras justificaram-se, afirmando que a progressão continuada *“não favorece o empenho e esforço dos alunos”* e que a *“qualidade de ensino é insuficiente”*

“Os alunos ficam acomodados, sabem que vão passar”.

“Na verdade creio não ser a quantidade de anos reprovados que fazem os alunos aprenderem e sim a qualidade do ensino nos anos em que ficam na sala de aula”.

Quatro professoras discordaram da afirmação de que a educação nas escolas melhorou com a implementação da progressão continuada. Uma respondeu de forma incompreensível.

Para as três respostas em discordância, as professoras fizeram referências à *“reprovação do aluno por série anual”* e a *“falta empenho da família e da escola”*.

“Sou favorável à reprovação desde a 1ª série”.

“Não há preocupação e aplicação, por parte dos alunos/família, no processo de aprendizagem”.

“Os objetivos são discutidos antes do contato com os alunos e conhecimento das ‘diferenças’. As diferenças não são consideradas na formação das turmas, a escola não se empenha”.

Após a análise das respostas da questão 05, é importante observarmos que as professoras concordantes demonstraram um certo conhecimento da proposta da progressão continuada quando responderam que *“... você aprende a trabalhar respeitando os limites de cada aluno e os ajuda a superar obstáculos e atingir objetivos”* e *“Porque o aluno tem tempo suficiente para vencer as etapas de cada ciclo”*. Sendo assim, a progressão continuada *“favorece a aprendizagem dos alunos”*.

As professoras que concordaram parcialmente, justificaram-se, ressaltando a formação do professor e a qualidade de ensino, a falta de acompanhamento familiar e a desmotivação dos alunos. As justificativas apresentadas pelas professoras são válidas, pois refletem a situação presente nas escolas: a falta de apoio ao professor desde a sua formação até a valorização profissional, o acompanhamento familiar enquanto dever dos pais e a desmotivação dos alunos por diversos fatores; entre eles o mais observado é a estruturação curricular desvinculada do mundo real.

Como se pode ver, apesar da validade das respostas das professoras que concordaram parcialmente, as mesmas não responderam com objetividade a pergunta que tratava da progressão continuada estabelecendo objetivos para

serem atingidos em diferentes tempos para diferentes alunos, prejudicando uma análise mais precisa do motivo da concordância parcial.

As professoras que discordaram da afirmação têm posições claras quanto à questão do tempo para a aprendizagem e a progressão continuada. São contrárias e justificaram-se defendendo a reprovação: *“Sou favorável à reprovação desde a primeira série”* e a separação dos alunos em turmas distintas.

Após a análise das respostas da questão 05 observamos, a necessidade de um planejamento de ações e orientações a estas professoras sobre como a aprendizagem é entendida na progressão continuada e a rigidez da organização do tempo na escola.

5.2.2 - Material utilizado nas aulas

Na questão número 6: *“O material utilizado nas aulas do Projeto Recuperação de Ciclo I atende suas expectativas. ()sim ()não ()em parte.Por quê?”*.

Sete professoras responderam que sim, onze responderam que atende parcialmente, duas responderam que não e três não responderam.

As sete professoras que responderam sim, que o material utilizado atende as expectativas, referem-se a *“boa qualidade do material”* ao *“benefício para o aluno”* e que *“ajuda o professor”*.

Sobre a *“boa qualidade do material”*:

“Os módulos são bem elaborados, envolvendo projetos bastante interessantes”.

“São ótimos, tem material para todos, inclusive os encartes”.

“São materiais excelentes que nos dão oportunidades de buscar muitas novas coisas e passar aos alunos conteúdo riquíssimo, que jamais esquecerão”.

“Estabelece as metas a serem percorridas, um direcionamento mais adequado”.

Sobre o *“benefício para o aluno”*:

“Porque trabalha exatamente a realidade do aluno”.

“Fez o aluno refletir e ter uma boa participação na aula”.

Sobre o fato de que *“ajuda o professor”*.

“Porque me auxiliam a organizar o meu trabalho de forma eficaz”.

Duas professoras responderam que o material não atendeu as expectativas porque o *“é inadequado e entregue com atraso”*.

“Porque o material chegou no final do 2º semestre, sendo assim, os alunos pouco tiveram contato com o material”.

“Devido já ter trabalhado no projeto aceleração em 98 e 99, os materiais eram muitos melhores, tinham jornais em sala, revistas mensais...”.

As doze professoras que responderam que o material atende suas expectativas parcialmente, foi devido ao fato de que *“falta material”* e não é *“adaptado à realidade”*.

“Têm escolas que fornecem, outras não; me viro com o que tem”.

“Às vezes, faltam alguns materiais, talvez um ‘Kit’ seria importante”.

“Porque preciso de sulfite, lápis, borracha, caderno etc. Grande parte dos alunos da recuperação não tem”.

“Não atende ao número de alunos em quantidade suficiente”.

“O módulo que tenho é de quando eu trabalhava com aceleração, tive que tirar várias xérox do meu bolso, pois as crianças são muito carentes e não possuem material como lápis, borracha, folhas etc.”.

“Por motivos de chegarem em nossas mãos tão atrasados”.

“Não atende o número suficiente de alunos”.

“É preciso ser adaptado à realidade do aluno”.

“Traz orientação, visando sustentar a atuação adequada do professor em uma classe heterogênea, mas não mostra a solução para resolver os problemas desses alunos”.

“Na minha opinião, este material deveria ser renovado a cada ano, pois existem os alunos que vieram da 4ª série e são reprovados na recuperação de ciclo e irão estudar novamente com o mesmo material”.

“Para melhor utilização do material seria necessário que os alunos estivessem alfabetizados, pois é necessário muita leitura”.

“Não trabalha a realidade do aluno, deveria ser modificado”.

Sobre o material utilizado no projeto, somente duas professoras responderam que não atende as expectativas, alegando que sempre chega atrasado.

As professoras que afirmaram que o material atende as expectativas justificaram-se observando que o material traz *“benefício para o aluno”* e *“ajuda o professor”*.

A utilização de materiais específicos é fundamental para a aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades.

As professoras que responderam que o material atende parcialmente suas expectativas, observaram questões pouco comentadas quando se trata de receber materiais prontos e que não estão *“adaptados à realidade do aluno”*, porque os alunos não estão alfabetizados e para utilizar o material que vem pronto *“é necessário muita leitura”*.

Também é importante ressaltar que o material *“ajuda o professor”* na diversificação da aula e na ampliação de oportunidades de novas aprendizagens aos alunos, como respondeu uma professora que afirmou que o material atendeu suas expectativas: *“Porque me auxilia a organizar meu trabalho de forma eficaz”*.

5.2.3 -Formação continuada

A questão número 7 *“Quantas reuniões de capacitação você participou? As capacitações/reuniões realizadas atenderam suas expectativas?”* e a questão número 8: *“ A formação continuada da qual você participou, através das capacitações/reuniões, alterou sua prática docente?”* serão analisadas em conjunto.

Na questão 7, a maioria das professoras respondeu que participou de todas as capacitações e na questão 8, a maioria das professoras afirmou que a formação continuada, através das capacitações/reuniões alterou sua prática docente. Na questão 7, quando as professoras foram indagadas sobre a capacitação/reunião atender as expectativas, quinze responderam que sim, cinco responderam que foram atendidas parcialmente, uma respondeu que suas expectativas não foram atendidas e três não responderam. Na questão 8, vinte professoras afirmaram que a capacitação alterou a prática docente, uma

respondeu negativamente, porém justificou-se de forma incompreensível e três não responderam.

As justificativas dadas pelas quatorze professoras que responderam que as reuniões/capacitações atenderam suas expectativas e as justificativas das vinte professoras que afirmaram que a capacitação alterou sua prática relacionam-se ao “enriquecimento da experiência”, à “aprendizagem da prática pedagógica” e à “eficiência da capacitadora”.

As justificativas relacionadas ao “enriquecimento da experiência” foram as seguintes:

“Contribui com atuação de enriquecimento de experiência já acumulada em sala de aula”.

“Experiências dos professores, os relatos são sempre importantes”.

“Porque aprendi coisas novas, vi coisas que já sabia e passei minhas experiências”.

“Adorei as capacitações, pois, além de conhecer novas pessoas, aprendi muito com as novas experiências de cada um e pude também passar o que eu vivencio e transmito aos meus alunos”.

“Gosto de conhecer e vivenciar novas experiências”.

“Enriquecendo minha experiência já acumulada, nos proporcionando condições para assegurar a continuidade dos estudos desses alunos”.

“As novidades podem ser aplicadas até mesmo em salas comuns, pois passei para colegas que aplicaram e obtiveram sucesso”.

“Acrescentou novas experiências e conhecimentos, aprendi muito”.

“Aprendi a trabalhar o mesmo conteúdo em várias matérias”.

“Porque nessas reuniões há os relatos de cada profissional e uma passa sua experiência para a outra”.

“Porque troquei experiências e tive várias informações da capacitadora”.

“Sempre aprendemos coisas novas e isso é enriquecedor”.

“Abrangeu meu conhecimento, pois a cada dia aprendemos coisas novas”.

“Creio que sempre irá somar a nossa prática novas experiências e vice-versa”.

“Qualquer tipo de curso ou capacitação sempre é aprendido algo”.

“A troca de experiências e atualização sempre enriquece e aperfeiçoa minha prática docente”.

“A troca de experiências é muito bom, sempre nos acrescenta algo novo”.

As justificativas relacionadas à *“aprendizagem da prática pedagógica”* foram as seguintes:

“Deu para perceber o que foi trabalhado”.

“Porque aprendi trabalhar com um material que desconhecia, e conheci professoras enfrentando os mesmos problemas que eu”.

“Minha participação foi de acordo com o tempo trabalhado na sala e foi de muita importância para a melhora da minha prática pedagógica”.

“Foram dinâmicas e as propostas de atividades excelentes para a progressão continuada”.

“Pois estavam de acordo com as realidades vividas em sala de aula”.

“Passei a utilizar os recursos voltados à prática que pudessem atender a teoria”.

“Possibilitou rever algumas posturas e realizar projetos variados com os alunos”;

“Comecei a ter uma outra visão na sala de aula, melhorando muito a minha forma de ensinar”.

“Consegui observar os educandos com muito mais carinho do que antes.”.

“Porque pelas brincadeiras e jogos deu para ver que temos várias opções, variedades de métodos que ajudam o aluno no aprendizado”.

“Comecei a ter uma outra visão na sala de aula, melhorando muito a minha forma de ensinar”.

“Com as capacitações aprendi muito, pois estava leiga, hoje não tenho mais medo”.

As justificativas relacionadas à *“eficiência da capacitadora”* foram:

“Tudo alimentou para que isso acontecesse. A própria orientadora, o grupo e os assuntos abordados”.

“A capacitadora estava bem a par do projeto e muito segura quanto ao mesmo”.

“Em nossas capacitações, a orientadora trabalha conosco todos os projetos a serem trabalhados na escola”.

“Neste ano acho que foram as melhores, mais explicadas”.

“A capacitadora estava bem a par do projeto e muito segura quanto ao mesmo”.

Cinco professoras afirmaram que *“falta espaço para dúvidas”*; por isso, as reuniões/capacitações atenderam parcialmente suas expectativas.

“Deveria haver espaço para o professor colocar suas dúvidas e ser ajudado, e não só receber instruções de como utilizar o manual”.

“Deveria haver um espaço para que pudéssemos discutir os problemas que temos na sala de aula”.

“Nada de novo, tudo cópia do ano anterior”.

“A experiência diária acaba auxiliando mais que a capacitação”.

“Algumas dá para entender, outras deixam a desejar”.

Uma professora respondeu que as capacitações não atenderam suas expectativas, porque *“não atendem as reais necessidades dos alunos”*.

A formação continuada do professor é um dos temas mais urgentes na educação. A formação dos professores é indicador de qualidade da educação.

A formação continuada, objetivo das capacitações/reuniões realizadas com os professores participantes do projeto, não pode limitar-se à informações. A cientificidade da educação e do ato de ensinar e aprender não pode ficar relegado a segundo plano.

A maioria das professoras respondeu que as reuniões atenderam as expectativas e que a formação continuada alterou sua prática pedagógica, porque proporcionou *“enriquecimento da experiência”* e *“aprendizagem da prática pedagógica”*.

O papel do professor é decisivo na aprendizagem dos alunos e a sua formação continuada proporciona mais acesso à cultura e ao saber, melhorando assim a qualidade do seu fazer pedagógico.

5.2.4 - Atendimento aos alunos

Na questão número 9: *“Qual a sua opinião sobre esta afirmação: O projeto Recuperação de Ciclo I atende as necessidades apresentadas pelos alunos”*. Nove professoras concordaram com a afirmação. Onze concordaram parcialmente, uma discordou e duas não responderam.

As nove professoras que responderam positivamente, justificaram-se, afirmando que o projeto “*atende as necessidades dos alunos*”.

“O aluno aprende a aprender com tudo que ele já sabe e descobre que não é tão difícil”.

“Porque você trabalha com menos alunos na sala de aula e trabalha a dificuldade de cada aluno”.

“Tenho vários alunos que não estavam alfabetizados e hoje eles estão lendo bem e fazendo produções de pequenos textos”.

“Ele aborda temas de projetos que acabam sanando as necessidades dos alunos”.

“Porque trabalha com a dificuldade do aluno. É necessário trabalhar, em primeiro lugar, com a auto-estima do aluno, como a sala tem menos alunos podemos dar mais atenção”.

“Dentro da progressão continuada, pois esse aluno participou do projeto, amadureceu e com certeza se desenvolveu e está inserido na progressão continuada, não devemos esquecer disso”.

“Devido a grande diversificação dos materiais, conseguimos buscar muitos meios e maneiras para ensinar, assim o educando sempre aprende”.

“O aluno tem maiores oportunidades para aperfeiçoar e continuar sua aprendizagem”.

“Porque é exatamente aquilo que ele não conseguiu durante o ano, com certeza conseguirá com o projeto que o ajudará para uma melhor aprendizagem”.

Onze professoras concordaram parcialmente com a afirmação, porque há “*necessidade de alfabetização*” e há o “*despreparado do jovem*”.

“Geralmente os alunos de recuperação têm dificuldades, a maioria está se alfabetizando e os módulos são difíceis para alguns alunos”.

“Concordo que ajuda muito, mas nem toda criança está preparada para a 5ª série”.

“Na sua grande maioria, os alunos necessitam de alfabetização”.

“A maioria das necessidades dos alunos esta ligada à leitura, e em alguns casos fica, difícil utilizar o material e acompanhar as atividades propostas”.

“Existe muito conteúdo, deveria estar mais voltado para a alfabetização, deve ser revisto”.

“Nós, docentes, não conseguimos fazer com que o aluno aprenda 100% do necessário para enfrentar a 5ª série”.

“Creio que preparar um jovem/adolescente para um mundo competitivo e se fixar no mercado de trabalho com estima elevada o projeto deixa a desejar”.

“As necessidades são muito mais de ordem social e de saúde, sendo a necessidade do aprendizado uma consequência”.

Uma professora discordou justificando que: *“As salas não têm progresso, os alunos têm baixa auto-estima pelo fato de serem todos retidos”.*

O atendimento às necessidades apresentadas pelos alunos, na opinião das professoras que concordaram parcialmente, reafirma a *“necessidade de alfabetização”* destes alunos do projeto de recuperação de ciclo I.

5.2.5 - Vantagens para o processo de recuperação de aprendizagem

Na questão número 10: *“Qual a sua opinião sobre esta afirmação: O projeto Recuperação de Ciclo I oferece vantagens para o processo de recuperação de aprendizagem do aluno”.* Doze professoras concordaram com a afirmação. Dez concordaram parcialmente e duas não responderam.

As doze repostas em concordância com a afirmação referem-se ao *“número de alunos em sala”* e fazem *“referência aos alunos”*.

“As metodologias diferenciadas, as capacitações e quantidade de alunos por sala ajudam o professor a melhorar sua qualidade de aula e atender as necessidades de seus alunos”.

“Trabalho a cada dia a dificuldade do aluno em particular, onde o número de alunos é menor por sala”.

“Por ser uma turma menor, o professor tem condições de estar mais próximo do seu aluno, conhecê-lo melhor”.

“Porque a quantidade de aluno é menor, o professor fica mais próximo e atende de maneira eficaz”.

“O projeto apresenta temas do cotidiano do aluno, sua vivência e coisas que realmente ele vai usar na vida, logo sua aprendizagem vai de encontro com seu interesse”.

“Porque aprendemos lidar de maneira diversificada, de acordo com a realidade de cada um”.

“A gente trabalha de maneira diversificada, na realidade de cada um”.

“Porque esse projeto trabalha mais as dificuldades dos alunos”.

“O método da aula é diferente e os alunos têm interesse”.

“Com certeza, pois começamos a trabalhar a partir das dificuldades dos alunos”.

“Já vem tudo pronto para que o aluno desenvolva, tem material para todos que não se sentem discriminados e um ajuda o outro”.

“Pelo próprio material trabalhado com o aluno”.

As dez professoras que concordaram parcialmente com a idéia de que, o projeto oferece vantagens para o processo de recuperação de aprendizagem, afirmaram que a *“falta de empenho da família e do aluno”* e a *“intervenção nas séries anteriores”* são obstáculos ao desenvolvimento do projeto, também fizeram *“referência ao contexto escolar”*.

Em relação a *“referência ao contexto escolar”*, consideramos algumas respostas, tanto dos que concordam, discordam ou concordam parcialmente, como representações mais próximas do contexto geral da escola e não, propriamente, do questionamento a que se refere o enunciado da pergunta.

A *“falta de empenho da família e do aluno”*, a *“intervenção nas séries anteriores”* e a *“referência ao contexto escolar”* são referências às dez respostas dadas pelas professoras.

“Alguns alunos conseguem acompanhar e desempenhar adequadamente seu trabalho. Outros que têm muita defasagem no aprendizado não demonstram interesse e são indisciplinados, dificultando assim, o processo de aprendizagem”.

“Somente quando a família acredita e ajuda”.

“O aluno que se empenha realmente atende os objetivos propostos”.

“A recuperação de ciclo I deveria começar nas séries anteriores, pois é muito conteúdo para um ano”.

“O aluno que frequenta o projeto vem com uma defasagem de quatro anos e por melhor que seja seu rendimento, continuará abaixo das expectativas dos professores do ciclo II, sem contar o rótulo que lhe foi impresso e com a qual precisará lidar”.

“Acredito que, aquele que participa desse projeto, aprende sim muito mais que os outros, porém não necessariamente oferecendo ‘vantagens’”.

“Uma das vantagens oferecidas são classes com número menor de alunos, dando a eles maior disponibilidade do professor, de atenção e esclarecimentos individuais”.

“Creio que se deve investir no profissional que está trabalhando no projeto, para que haja o mínimo de erros e muitos acertos”.

“Vantagens nas relações sociais e interpessoais”.

O “menor número de alunos em sala” é a principal vantagem apontada pelas professoras.

É importante ressaltar a resposta de uma das professoras: *“O aluno que frequenta o projeto vem com uma defasagem de quatro anos e por melhor que seja seu rendimento, continuará abaixo das expectativas dos professores do ciclo II, sem contar o rótulo que lhe foi impresso e com o qual precisará lidar”.*

Como lidar com uma turma de alunos que, apesar de ser em número menor, apresenta dificuldades de alfabetização acumuladas durante quatro anos, além do “rótulo” de repetentes é um imenso desafio para as professoras e para a escola.

Várias respostas das professoras a essa questão fazem “referência ao contexto escolar”. O cotidiano escolar, repleto de contradições, também é observado pelas professoras como objeto de reflexão coletiva pela escola e seus agentes.

5.2.6 - Preocupação em resolver o problema real do ensino: a aprendizagem dos alunos

Na questão número 11: *“Qual a sua opinião sobre esta afirmação: O projeto Recuperação de Ciclo I tem a preocupação de resolver o problema real do ensino: a aprendizagem dos alunos”.* Nove professoras concordaram com a afirmação. Seis concordaram parcialmente, três discordaram e seis não responderam.

As respostas das nove professoras que concordam que o projeto tem a preocupação com a aprendizagem dos alunos, afirmam que *“a realidade melhora a auto-estima”* e também fazem “referência ao contexto escolar”.

“Além de resolver na área de aprendizagem do aluno, aumenta muito mais a auto-estima do educando”.

“O problema real do aluno é sua auto-estima, que não fica de lado nem um pouco durante todo o ano”.

“Com certeza, pois os projetos e as aulas são elaborados através da realidade do aluno”.

“Pois ele tenta atender as necessidades dos alunos, nós somos instruídos a atender o aluno, porque trabalha diretamente com a dificuldade que ele tem. Eu, como professora, trabalho de forma mais lúdica para que venha atender mais sua realidade”.

“Tudo que for para ajudar o aluno em termo de alfabetização é válido”.

“Por ser um material próprio para cada aluno ajuda na alfabetização”.

“Mesmo fazendo uso de metodologia diferenciada, o conteúdo abordado está dentro dos parâmetros curriculares do ensino fundamental”.

“O projeto é muito bom, mas na prática da nossa realidade não funciona”.

“Ele tem esse objetivo, mas um ano não é o suficiente para todas as crianças”.

As respostas das seis professoras que concordaram parcialmente, justificaram que o projeto *“não resolve o problema da aprendizagem”*.

“Deixa a desejar”.

“É pertinente, porém não atinge todos os alunos, mesmo quando o professor se dedica”.

“A escola deveria oferecer mais recursos; fazer com que os professores tenham contato com outros profissionais”.

“Desde que tanto o educando quanto o educador saibam da sua real condição que é estar envolvido”.

“A preocupação maior das autoridades está em mostrar que algo sendo realizado para resolver o problema da educação, de resolver a situação de aprendizagem dos alunos”.

“É uma experiência para o aluno”.

As três professoras que discordaram, justificaram-se, afirmando que para resolver o real problema do ensino, que é a aprendizagem dos alunos, há a *“necessidade de ajuda de outros profissionais”*.

“Os problemas de aprendizagem dos alunos decorrem de fatores múltiplos. Portanto, há necessidade de envolvimento de outros profissionais: psicólogos, fonoaudiólogos etc, que poderiam auxiliar o professor”.

“A escola deveria oferecer mais recursos, fazer com que os professores tenham contato com outros profissionais – psicólogo, neurologistas etc – pois muitas crianças que se encontram na recuperação de ciclo, apresentam alguns problemas, que por mais que o professor faça não consegue suprir tal dificuldade”.

“O projeto recuperação de ciclo I não tem preocupação de oferecer condições para a melhora dessa aprendizagem”.

Os alunos encaminhados para a “*Recuperação de Ciclo I*” são aqueles que não obtiveram sucesso na aprendizagem. A pergunta 11 solicitou às professoras a opinião sobre o projeto ter a preocupação de resolver o problema real do ensino que é a aprendizagem dos alunos.

As respostas, em concordância, centralizaram-se na auto-estima e na realidade dos alunos.

As respostas em concordância parcial, afirmam que o projeto “*não resolve o problema da aprendizagem*”.

As respostas em discordância fazem referência à “*necessidade de ajuda de outros profissionais*”.

Tanto as respostas em concordância parcial, como também as discordantes, demonstram uma certa dúvida quanto ao projeto estar realmente voltado para a aprendizagem dos alunos, pois “*a preocupação maior das autoridades está em mostrar algo sendo realizado para resolver o problema da educação*”. Também é significativo, a solicitação de “*ajuda de outros profissionais*”. Solicitação justa, porém ainda é muito presente a psicologização da educação e dos problemas de aprendizagem.

5.2.7 - Inconvenientes do Projeto “*Recuperação de Ciclo I*”

Na questão número 12: “*O projeto recuperação de ciclo I tem inconvenientes*”, dezessete professoras responderam que sim. Três responderam que não, uma

respondeu que não sabia *“cabe a todos descobrirem... a pergunta esta no ar”* e cinco não responderam.

As dezessete professoras que responderam sim, justificaram-se, afirmando que os *“alunos indisciplinados e fora da faixa etária”*, o *“acúmulo de dificuldades de aprendizagem”* e as *“condições estruturais do projeto”* são inconvenientes do projeto.

“Alunos indisciplinados justamente por estarem em salas só de repetentes”.

“Tem problemas com idades de alunos, alunos indisciplinados”.

“Os problemas de idade dos alunos e assiduidade”.

“Nestas classes, além dos alunos com problemas reais de aprendizagem, alguns têm dificuldades na aprendizagem provocados pela indisciplina, o que em determinadas situações acaba desestruturando a turma”.

“Tem sempre uns e outros que só vão lá para atrapalhar, os inconvenientes são os alunos que não querem participar e acabam atrapalhando os que querem aprender”.

“A retenção de alunos como punição pelo comportamento”.

“Não inconvenientes com o projeto em si, mas com relação à visão que a própria escola no todo tem dessa turma, os alunos sentem e percebem”.

“A falta de critérios para a formação de turmas”.

“O acúmulo de dificuldades durante os quatro anos”.

“Ele parte do princípio de que o aluno detém a competência da escrita, o que não é totalmente verdadeiro”.

“Se esse aluno for jogado no ciclo II sem a preocupação da sua progressão continuada com certeza terá inconvenientes”.

“O horário, ou melhor a duração de horas da capacitação por dia, ganho por cinco horas não por oito”.

“A sala deve ser apenas desta classe para que se tornasse realmente um ambiente agradável e letrado para que não houvesse destruição dos trabalhos”.

“O inconveniente que vejo nos projetos que todo ano são os mesmos, e estes devem ser mudados a cada ano”.

“Formação do profissional que ao invés de ajudar pode atrapalhar. Falta de matéria”;

“A mudança de escola dos professores ACT”.

“As capacitações que são cansativas e pouco remuneradas, local nem sempre é apropriado”.

Três professoras responderam que não têm inconvenientes, porque o *“aluno aceita bem o trabalho do professor”* e *“não traz qualquer inconveniente”*.

“Porque o aluno aceita bem o trabalho do professor”.

“È muito bem detalhado nas explicações que traz nos livros e nas capacitações também. Tendo uma boa compreensão do professor, não traz qualquer inconveniência”.

“Desde que haja subsídios por parte da escola”.

As respostas dadas à questão 12, que trata sobre os inconvenientes do projeto, são significativas no aspecto de culpabilização do aluno pelo fracasso.

A *“indisciplina”*, a *“idade dos alunos”* e o *“acúmulo de dificuldades”* são apontados como inconvenientes do projeto.

O conceito de disciplina presente nas escolas ainda é associado a simples obediência. Vasconcellos(1993) alerta sobre a importância da organização do trabalho coletivo em sala de aula e na escola, que a disciplina é uma construção social e que é necessário ouvir mais os principais envolvidos: os alunos.

Aquino(2002) esclarece que a disciplina é resultado do contrato pedagógico que professores e escola estabelecem com seus alunos, porque muitas vezes as regras impostas são questionadas e não ignoradas.

Sobre o *“acúmulo de dificuldades”* apresentadas pelos alunos serem associadas a inconvenientes do projeto, faz-se necessário refletir sobre o que se ensina. Ensinar um aluno que tem dificuldades de alfabetização, exige que o alfabetizemos!

A grande dificuldade é de alfabetização. Planejar com um currículo fechado a ser cumprido gera a falsa idéia, no caso específico deste projeto, que o aluno tem *“acúmulo de dificuldades”* e que no final do projeto ele deve estar *“pronto”* para a 5ª série – II ciclo.

5.2.8 - O trabalho do professor no próximo ano com turma do projeto

Na questão número 13; *“No próximo ano você trabalharia com turma de recuperação de ciclo I ?”*, vinte e uma professoras responderam que sim e três responderam que não.

As vinte e uma professoras que responderam sim, justificaram-se, afirmando que trabalhariam com turma do projeto devido ao “crescimento profissional” ao “vínculo afetivo com o aluno” e por “opção pessoal”.

“Para enriquecer cada vez mais minha experiência, ter uma concepção diferenciada de ensino do que já possuo ampliando-o através de novas informações, de aprender sempre mais com as capacitações e com os próprios alunos”.

“Através do projeto passei a refletir sobre o meu real papel em sala de aula, respeitar as dificuldades dos alunos, ver com bons olhos seus avanços e pontuar melhor o meu trabalho”.

“Sim porque me realizo profissionalmente e Deus me colocou numa missão de trabalhar com as dificuldades das pessoas, isso é um desafio!”.

“Só tenho a enriquecer minhas práticas com este trabalho e também me preocupo com a situação da aprendizagem”.

“A experiência desse ano fará melhor o meu trabalho no próximo ano”.

“Adorei a experiência”.

“Gostei e acima de tudo aprendi muito com meus alunos e com as capacitações”.

“Porque adorei todo esse processo e, por ter sido meu primeiro trabalho com essa turma eu cresci muito enquanto pessoa e principalmente profissionalmente”.

“Todo o profissional esta habilitado porém só o consciente poderá estar melhorando o seu próprio aprendizado”.

“Claro que sim, pois penso estar cada dia mais apta a expor tudo que aprendi e quero aprender ainda”.

“As capacitações me esclareceram e me deram mais subsídios para novos projetos, a clientela é carente de profissionais mais capacitados para sanar os problemas dos alunos já citados”.

“Encarar desafios”.

“Projetos diferenciados me estimulam”.

“Pelos alunos que são muito carentes”.

“Poucos alunos, cresce uma afeição muito grande e isso é muito importante nessa relação de aprendizagem”.

“Pretendo atuar junto aos tantos outros que precisam ser resgatados”.

“Gosto muito do que faço, procuro dar de mim o máximo de amor, carinho e principalmente respeito”.

“Amei trabalhar com a recuperação de ciclo é muito gratificante conseguir ajudá-los e prepara-los para seguir adiante seus estudos”.

“Com certeza, pois escolhi na Diretoria e a minha opção por recuperação de ciclo é pessoal, pois tenho a oportunidade de escolher outras séries”.

“Se eu tiver tempo disponível, claro quer sim, já me acostumei tanto que estou a três anos”.

“Porque é muito gratificante, o trabalho é diferenciado e diversificado”.

Três professoras responderam não, justificando que têm *“dificuldades para o professor”*.

“A disponibilidade de horário como exigência impede que o professor já experiente retome seu trabalho de uma forma mais segura”.

“Apesar do projeto ser bom é desgastante para o professor”.

“Daria oportunidade para outros”.

Como podemos analisar, a maioria das professoras, apesar das dificuldades, optariam em trabalhar com turmas de *“Recuperação de Ciclo I”* pelo *“crescimento profissional”*, *“vínculo afetivo com o aluno”* e por *“opção pessoal”*.

Considerações finais

Uma das nossas propostas nesta pesquisa era saber qual a opinião das professoras a respeito do projeto Recuperação de Ciclo I como parte da proposta de progressão continuada.

Pesquisa recente de Bertagna(2003) nos mostra que pouco se avançou na questão da função da avaliação no regime de progressão continuada.

As publicações dos sindicatos ligados ao magistério apontam com frequência para a necessidade de revisão da progressão continuada.

A progressão continuada instituída na rede pública estadual de São Paulo, em 1997, ainda encontra-se muito distante do desejado.

Na minha experiência como Diretor de Escola, observo a reação dos professores ao final do ano letivo quando classificamos o aluno para a série seguinte. A falta de estrutura física e material apropriado, a má formação docente associada aos baixos salários e a jornada de trabalho exaustiva são fatores consideráveis para analisarmos a reação dos professores, porém ainda é marcante a idéia que somente alguns são capazes de aprender e outros devem ser reprovados.

Nesta pesquisa, quando as professoras foram indagadas sobre a educação ter melhorado nas escolas com a implementação da progressão continuada por estabelecer objetivos para serem atingidos em diferentes tempos para diferentes alunos, as respostas centralizaram-se na formação do professor, na falta de acompanhamento da família e na falta de empenho e esforço dos alunos.

A formação inicial, a graduação do professor, é uma grande preocupação quando falamos de qualidade da educação básica, situação colocada pelas professoras.

Atualmente a Secretaria de Estado da Educação promove cursos de capacitação profissional, mas pouco atua na questão da formação inicial do professor. Um dos maiores erros foi a extinção do CEFAM (centro de formação do magistério), onde se formavam jovens para atuar nas séries iniciais. Hoje esta formação está relegada a cursos noturnos de três anos ministrados por instituições privadas. Forma-se mal e depois se gasta muito para “capacitar” professores.

A concordância parcial de uma parte das professoras, em relação à escola ter melhorado após a implementação da progressão continuada, foi a ausência das famílias na educação dos filhos, porém não podemos nos esquecer da configuração da famílias atualmente. Seria saudosismo acreditarmos naquele modelo de família onde a mãe ficava em casa para auxiliar nos deveres escolares.

Segundo as respostas de parte das professoras, a progressão continuada não favorece o empenho e o esforço dos alunos. Não é o fato de se ter um regime de progressão continuada que vai determinar o empenho e o esforço dos alunos, e sim a forma que a escola e o professor concebem o ato de ensinar e aprender e a relação com o conhecimento. A motivação dos alunos não pode ser vista apenas como um fator pessoal, unilateral, centrada exclusivamente no indivíduo.

Outro objetivo desta pesquisa era conhecer a opinião e a expectativa dos professores em relação às orientações/cursos oferecidos e se contribuíam efetivamente para prepará-los para atender as crianças com dificuldades de aprendizagem, atendendo suas necessidades de formação docente.

O enriquecimento da experiência e a aprendizagem da prática pedagógica foram as principais contribuições das orientações/cursos ministrados. A experiência profissional se dá na construção da própria prática pedagógica, apenas o tempo em anos de magistério não é sinônimo de experiência.

As professoras avaliam positivamente sua experiência no projeto. O crescimento profissional foi apontado pelas professoras com um dos motivos para trabalhar com turma de Recuperação de ciclo I no ano seguinte.

As professoras avaliam sua experiência no projeto positivamente. A questão da alfabetização das crianças é lembrada como necessidade eminente, identificada através da experiência das professoras em trabalhar no projeto.

A aprendizagem dos alunos como foco do projeto tem concordância parcial das professoras, que atribuem ao contexto geral da escola, ao cotidiano escolar, importância significativa para melhorar a aprendizagem dos alunos e não a um projeto isolado. Na minha experiência, no contato com outras escolas que possuem turmas de recuperação de ciclo I, na cultura escolar estabelecida dentro das contradições do cotidiano escolar, estas turmas são vistas simplesmente como a 4ª série repetente por parte considerável de todos segmentos: professores, funcionários, pais e alunos.

A partir das respostas das professoras sobre os problemas e dificuldades de aprendizagem terem relação direta com o contexto escolar e fora do âmbito da escola, demonstram o entendimento do mecanismo da exclusão e da reprovação camuflada. Com a progressão continuada não se reprova mais no final do ano, se reprova após quatro anos.

As crianças permanecem na escola sem possibilidades de avanços significativos na aprendizagem e o projeto recuperação de ciclo I não consegue sozinho atender as crianças em suas dificuldades que deveriam ser objeto de ações anteriores e não somente no final do processo, no final do ciclo.

As respostas das professoras, apesar de a maioria ser favorável ao projeto, demonstram incertezas quanto a sua eficácia e enquanto meio de suprir as necessidades de alfabetização desses alunos.

A não compreensão dos ciclos de aprendizagem associada à interpretação equivocada da progressão continuada e aos projetos salvacionistas de recuperação de aprendizagem acabam reforçando a idéia de que alguns alunos são incapazes de aprender.

Superar essa situação é o grande desafio do momento.

O conceito de progressão continuada em um sistema de ciclos de aprendizagem é um caminho pedagógico do qual não podemos abrir mão devido os princípios que o norteiam, que é a crença na capacidade de todos aprenderem.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jr. A. F. 1957. Repetência ou promoção automática? Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília. v.27, n.65, pp.3-15.

AQUINO, J. G. 2002. Diálogos com Educadores. O cotidiano escolar interrogado. Editora Moderna. São Paulo. 174p.

ARROYO, M. G. 1999. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. Revista Educação e Sociedade, ano XX, n 68, pp.143-162.

AZEVEDO, J. C. 1997. Ensino por Ciclos: A Democratização do Conhecimento na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Pátio, Porto Alegre: Artes Médicas, v.1, nº 0, p.31-32, Fev. / Abr.

BARDIN, L. 2003. Análise de Conteúdo. Lisboa. Edições 70. 225p.

BARRETO, E. S.; MITRULIS, E. 1999. Os Ciclos escolares: elementos de uma trajetória. Cadernos de Pesquisa, Campinas, FCC, nº 108, p.27-48, Nov.

_____; _____. 2001. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país. Estudos Avançados, São Paulo: USP, v.15, nº 42, p.105-142, maio-agosto.

BERTAGNA, R. H. 2003. Progressão Continuada. Limites e Possibilidades. Tese de Doutorado, UNICAMP.

DURAN, C. G. D. 2003. A organização do ciclo básico e a concepção de educação: memórias. pp.59-81. In: Ciclo básico em São Paulo. Memórias da educação nos anos 1980. Editora Xamã, São Paulo, 159p.

FALSARELLA, A. M. 2002. Políticas de capacitação e mudanças no cotidiano escolar. In: SAMPAIO, M.M.F. O cotidiano Escolar face às políticas educacionais. JM Editora. Araraquara. São Paulo. 142p.

FRANCO, A.F. 2001. Auto-estima nas classes de aceleração. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

FRANCO, M.L.P.B. 2003. Análise de Conteúdo. Editora Plano. Brasília. 72p.

FREIRE, P. 2002. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 23ª edição, 165p.

FREITAS, L. C. 2003. Ciclo, seriação e avaliação. Editora Moderna, São Paulo, 96p.

GADOTTI, M. 2001. Citação In: Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares. Progestão(p.6). Conselho Nacional de Secretários de Educação.

GROSSI, E. P. 2000. Por que séries e não ciclos. Pátio, Porto Alegre, n 13,pp. 46-48.

OLIVEIRA, Z. M. R. 1998. Avaliação da Aprendizagem e Progressão Continuada: bases para construção de uma nova escola. Fundação Carlos Chagas. Estudos em Avaliação Educacional. Julho/Dezembro,1998,n18.

PATTO, M. H. S. 2002. A produção do fracasso escolar – Histórias de submissão e rebeldia. Editora Casa do Psicólogo, São Paulo, 2ª edição,458p.

KNOBLAUCH, A. 2004. Ciclos de aprendizagem e avaliação de alunos: o que a prática escolar nos revela. Editora JM, Araraquara SP, 1ª edição, 180p.

LIMA, E. S. 2002. Ciclos de formação. Uma reorganização do tempo escolar. Editora Sobradinho, São Paulo, 32p.

LUDKE, M. 2000. A questão dos ciclos na escola básica. Pátio, Porto Alegre, n 13, pp.18-28.

MOLL, J. e Colaboradores. 2004. Ciclos na escola. Tempos na vida. Criando possibilidades. Artemd editora, Porto Alegre., 247p.

PERRENOUD, F. 2002. Os ciclos de aprendizagem. Um caminho para combater o fracasso escolar. Artmed Editora, Porto Alegre , 230p.

REVISTA NOVA ESCOLA. 1997. Ano XII nº 107. São Paulo adota dois ciclos sem reprovação, pp.46-49.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO / SP. 1998. Proposta Pedagógica do Projeto Classes de Aceleração. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO / SP. 1998. A Organização do Ensino na Rede Estadual. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

SOUZA, S.M.Z.L. 1999. A avaliação na organização do ensino em ciclos. USP fala sobre educação, São Paulo, pp. 35-43.

VASCONCELLOS, C. S. 1993. Disciplina. Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. Cadernos pedagógicos do Libertad – 4. 6ª edição. São Paulo. 111p.

VYGOTSKY, L.S. 1994. A formação social da mente. 5ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 168p.

Anexo I

Transcrição de entrevista gravada com duas professoras que trabalharam com Recuperação de Ciclo I

SER ALFABETIZADORA

“Me sinto com muita satisfação, quando você percebe aquele aluno assim que vai ficando mais esperto, entende mais, que são crianças que vêem meios de comunicação, assim entendem alguma coisa, nesses dias mesmo que a gente está trabalhando uns projetos, quadrinhos, foi passado sobre o Maurício de Souza, é até longo, e percebi que todos estavam entendendo, o que não acontecia muitas vezes entender totalmente ou não, tem criança que assiste e acha engraçado uma parte, né ... porque quando comecei fazer minhas intervenções percebi que eles sabiam que tinham entendido . As crianças sabem muitas coisas, logo no começo você percebe que elas têm entendimento e quando você começa aprofundar elas se apropriam de alguma coisa, até na fala deles”.

Na medida que você vê o progresso das crianças, seus objetivos, a criança desenvolvendo bem, escrevendo, crescendo como ser humano, comportamentos novos, mudança de opiniões, vendo que o trabalho tem resultado, não de imediato, mas ao longo do ano, o aluno desenvolvendo seu papel, a gente fica satisfeito.,

COMO TRABALHA A RECUPERAÇÃO DE APRENDIZAGEM

A recuperação de aprendizagem é assim, geralmente tem uma turma difícil, eles não tem maturidade entre eles, então você faz um trabalho, primeiro para falar para eles que eles são capazes de aprender, que tem condições, que tem muitos já de 4ª série que não sabem ler e escrever, eles tem auto-estima lá embaixo, acham que não sabem nada, já se acostumaram a ser copistas, tudo você tem que falar: - Você consegue! Tem que fazer um trabalho para que esses alunos com dificuldades percebam, tem que trabalhar textos, poesias... tem muito material rico que vai de encontro a isso, que ele começa a refletir sobre a realidade dele, aceitar e querer melhorar, é uma questão assim: você fica tanto profissional... você fica assim... se envolve.

Com esses alunos as vezes a gente se sente impotente, insatisfeita, incapaz por não estar conseguindo que eles mudem o comportamento, tenham o desenvolvimento melhor, a gente procura trabalhar de maneira diversificada, melhorando a auto estima do aluno, que ele crie gosto pelo estudo, a gente busca formação, troca de conhecimento com

outras pessoas, troca de experiências, cursos para estar melhorando na sala.

EM RELAÇÃO AO MÉTODO DE TRABALHO

Quando comecei alfabetizar com diferentes textos com as crianças, então eu alfabetizo... eu não consigo pela silabação... desta forma alfabetizar alunos... é sempre com textos, até tem um colega trabalhando comigo e diz: - mas como você consegue? É que a criança aprende ter algo de significado para ela então quando você dá texto as vezes, na primeira série é prazeroso e eles pegam bem, você não precisa dar o ba-be-bi-bo-bu, ca-co-cu, só dá trabalho, tem que parar para pensar, só que não tem nada pronto, você não vai encontrar isso no livro didático, como você tem que fazer, como você tem que atuar, tem que procurar se organizar legal, é bem assim trabalhoso e prazeroso.

Um método só não, eu por exemplo não sou favorável ao tradicional puro né ... eu gosto da Emília Ferreiro, do construtivismo, mas não é só isso, trabalho também Vigotski, a prefeitura dá muito curso sobre esses teóricos, sobre Piaget, Paulo Freire, estou sempre mesclando, não fica só um método único, de acordo com a necessidade.

OS ALUNOS QUE PASSAM OS 4 PRIMEIROS ANOS (ciclo I) E NÃO CONSEGUEM ALCANÇAR DETERMINADOS OBJETIVOS, NÃO SABEM LER E ESCREVER, ELES FICAM MAIS UM ANO NESTA CHAMADA RECUPERAÇÃO DE CICLO, VOCÊ PODERIA FALAR UM POUCO SOBRE ESTE PROJETO.

Na 4ª série cada professor que participa do conselho final verifica em cada turma quais são os alunos que não tem condições de ir para a 5ª série, então cada professor coloca o seu parecer, é discutido, é verificado, se a professora da 4ª A, 4ª D ... para não ter aquela coisa de um diferente do outro... né ... então é feito isto, é discutido e depois é visto o aluno que ta com mais dificuldade, ele faz mais um ano que é a classe de recuperação de ciclo. Essa sala tem material que é todo diferenciado, um material bom, bem trabalhado, então... é feito a proposta com esse material mesmo, porque é bem o lado emocional, a partir dos textos que são separados, o aluno fala, você coloca para fora muitas coisas, eles também, ai você tem muita interação com eles, muitas vezes eu dou mais atenção para eles, trabalhando com eles.

Esse projeto eu vejo assim, a meu ver ele é bom, tem partes positivas como quantidade de alunos por sala, assim o professor pode diversificar, fazer cursos na Diretoria de Ensino, tem acompanhamento, pode explorar mais o aluno. Vejo um progresso muito grande, ao mesmo tempo vejo que só na 4ª série é um pouco tarde, deveria ter um trabalho paralelo já na 1ª série, se o aluno tem bloqueio, esta travado ou doente, não

consegue aprender nada então precisa ficar antes.
<u>O QUE SE TEM APARENTEMENTE É QUE ESSES ALUNOS QUE SÃO ENCAMINHADOS PARA A RECUPERAÇÃO DE CICLO TEM MUITA CARÊNCIA AFETIVA, TEM MUITOS PROBLEMAS FORA DA ESCOLA QUE AFETAM A APRENDIZAGEM.</u>
É. Eles não conseguem nem visualizar. Você dá alguma atividade e eles dizem: “eu não sei”, você dá a atividade, alguma coisa, eles tem muitas dificuldades em pensar, quando alguém consegue é porque só copia.
Eles são muito carentes.
<u>ESSE PROJETO TEM A PROPOSTA DE AJUDÁ-LOS DE FORMA DIFERENTE DO QUE ESTAVA SENDO FEITO. FALE SOBRE ISSO.</u>
Tem proposta sim. Eles ficam motivados, dá para ver o que ele fez, dá para ter uma visão de toda a sala, dá para fazer a correção com eles, o que esta faltando e o que não esta e eles vão melhorando, e assim tem muita coisa para trabalhar, mas você trabalha de uma forma diferenciada, você vai de encontro com as necessidades, os alunos brincam bastante, tem que ter paciência com salas como eu tive no ano passado.
Eu observo que é retomando o aluno a fase anterior que ele vai passando por cima deixando de aprender por concentração e atenção, retomando mas não daquela forma da 1ª série, mais de uma maneira de acordo com a idade, mais diversificada, de acordo com a opinião do aluno, levando ele a crítica, a expor suas idéias, como na escola onde eu trabalho os alunos desenvolveram pequenos textos baseados por eles... entende... e não naquele método utilizado na alfabetização inicial.
<u>COMO ESSA TURMA É VISTA PELOS OUTROS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS.</u>
É aquela turma problema, as vezes é até colocado assim: “-Você vai pegar eles?”. Pedem para o intervalo ser em outro horário, querem eles separados, uma sala separada, porque eles correm muito no intervalo e batem nos outros, mas eles tem que ficar juntos, você tem que colocar os seu parecer e dizer como eles são, eles também são ensinados que não pode brigar com os outros. Todos na escola começam a falar que a 4ª C é isso, é aquilo... nem sempre eles agradam. Você tem que motiva-los sempre.
Em geral na escola que eu trabalho a gente procura ver da melhor forma, da mais positiva, mas no geral a gente observa que por eles estarem já com uma idade um pouquinho fora do normal, 1 ou 2 anos a mais eles já tem um, comportamento mais difícil para estar se adaptando com outras séries, é visto como rotulado pelo comportamento deles, seriam

mais para a 5ª série, eles mudam muito nessa idade. Na mesma sala a gente não vê muita diferença, mais tem muita agressividade com os outros, brigas e palavrões, e os outros entram no conflito.

ENTÃO ELES SÃO CAPAZES DE APRENDER.

Aprendem do jeito deles, mas aprendem. Tinha um que era excelente jogador e eu utilizava isto para ele aprender, as vezes eu falava:” - vamos fazer uma lista dos jogadores”. Tem jeitos de aproxima-los, de trabalhar.

Aprendem sim, alguns acabam ficando mais frágeis, mais a maioria aprende, tem avanço.

E ESSES ALUNOS QUE PASSARAM 4 ANOS NA ESCOLA E NÃO APRENDERAM, VOCÊ TEM ALGUMA IDÉIA DO QUE ESTA ACONTECENDO.

É que o problema não é só com o aluno é com a família também. Tem vários fatores, eu acredito na construção do conhecimento, mas primeiro você tem que fazer esse trabalho com a família, essa criança tem que ter alguém para ajudar a pensar e a fazer, as vezes não tem isso em casa. Não é só o professor em sala de aula, todos tem que ajudar, tem que parar e pensar. Eu também vejo a postura do professor em sala de aula, alguns comportamentos não são legais, manda só copiar, bem tradicional, não fica perto dos alunos, ai o aluno vira copista e não aprende nada, não pensa... então a família e o professor tem que mudar, quando você constrói o conhecimento junto com eles vem muita coisa boa, onde você muda a realidade deles.

Eu acho que é o método, mesmo a classe de alunos que é heterogênea, homogênea eu não digo, mas a dificuldade dele é tão grande que acaba se tornando muito diferente do outro e o professor talvez não consiga trabalhar e ele acaba se isolando, se prendendo aquele título “eu não sei, eu não aprendo”, entra naquela concepção de que não sabe e o professor não consegue atingir o aluno e ele acaba ficando na outra sala, fica para traz. A gente percebe que é difícil para um professor por causa da quantidade de alunos , a escola também não tem funcionários, falta material pedagógico e não atende a necessidade, por mais que tenha não funciona porque as vezes o professor não tem formação para trabalhar o material com o aluno, o professor esta mais para trabalhar com o aluno da classe média para boa, quando chega da média para baixa ele acaba se perdendo, porque é muito mais difícil. Trabalhar com aluno bom, que você conhece, que esta escrevendo, lendo rápido, é mais prático e o material acaba atendendo e com os outros não.

E COMO SE AVALIA ESSES ALUNOS.

É feito no anão todo, é como uma comparação constante, o que pode ser feito. Quando chega no conselho da recuperação de ciclo muitos professores reclamam que tem que fazer o parecer do aluno.

Avalia o avanço que ele tem, a pesquisa, a participação, o interesse, a presença, o global... entende...

ESTE PROJETO POSSUI VANTAGENS

Bom, eu vi turmas que conseguiram, que foram mais felizes que outras, mas no meu parecer eu acho que não, é complicado você separar, se você colocar eles juntos com dificuldades não tem os amigos para ajudar do jeito deles, compartilhar. Quando eles começam e não conseguem ficam mais indisciplinados, quando a gente coloca as crianças todas no mesmo jeito, nas mesmas dificuldades é pior, quando estão todos juntos eles se ajudam, naturalmente avançam, se ajudam, quantas vezes a gente da atividade e o que não sabe vai na mesa do colega.

Até certo ponto sim, é um aluno que não esta fora da escola, um a menos para ficar na rua, principalmente na idade de pré-adolescente, é um espaço que ele tem naquele momento... sempre ele vai aprender... outro dia a Diretora da escola comentou: “- Todo mundo aprende, até quem tem síndrome de Down, autista... todos aprendem mas na maneira deles, então eles estão ali... eles estão aprendendo, alguma coisa eles aprendem pode ter certeza, é bom para a sociedade, para a escola, para todos. Eu gosto desse projeto, você esta vendo, tentando puxar alguém para à escola, para o estudo, para ele mudar de vida.

QUAIS OS INCOVENIENTES ENCONTRADOS?

Como eu falei a recuperação de ciclo é uma doação total do professor e a gente fica muito sensível, é complicado, você tem que estar muito bem, descansada, senão em um determinado período você não fica legal, porque a realidade deles é difícil, exige de você. Você na pode chegar na sala de aula e fazer qualquer coisa, tem que ser bem feito. Tem gente que pega recuperação de ciclo, porque não te jeito, por causa da atribuição de aulas na Diretoria de Ensino, ai trabalha o tradicional que dá menos trabalho para a professora, né... só que o aluno... tem que construir, se sentir útil, o que eu não gosto é trabalhar muito nessa turma, o professor precisa tempo, mas eu trabalho em duas escolas eu acumulo, fica difícil, o salário é baixo... Nessas turmas os alunos brigam e dão muito trabalho, precisa sempre despertar o interesse deles, quando a sala é heterogênea é diferente. Eu estou em formação, meus alunos também, eu vejo os dois lados, a família

não liga muito, mas mesmo assim o professor pode muito, tudo o que a escola pode oferecer, se ele não sabe ler a gente tem que fazer ele ler, o aluno não está pronto, porque nada está pronto, precisa acreditar mais na gente.

Eu não gosto é que as vezes a dificuldade do professor estar participando dos cursos de formação, as vezes eles tem interesse, mas não pode, principalmente o professor que dobra o período, tem interesse mas não pelo motivo do horário, acaba deixando acúmulo de atividades, não pode pesquisar, o aluno tem muito problema de família, em casa, aí o professor fica sobrecarregado, sem vontade de trabalhar, e as vezes não é isso, o próprio sistema faz com que o professor não pense, a gente não pode nem ir ao teatro porque não consegue... aí o professor também fala que o aluno não tem interesse... tem o professor que acha que educação é bico, o professor tem que ser mais respeitado, mas ele também se dar o respeito, estudar para mudar alguma coisa, ter tempo na escola para montar grupo de estudo, de projeto. Não pode deixar o professor assim do tipo você vai pesquisa e pronto, tem que cobrar resultados.

Anexo III

Senhoras(es) Professoras(es)

Sou o professor Elio de Assis e estou realizando um estudo a respeito dos projetos de recuperação de aprendizagem – recuperação de ciclo I. Para isso preciso conhecer a experiência de professores que já trabalharam neles. Peço sua colaboração através das respostas às questões colocadas abaixo. Essa colaboração é voluntária e tem caráter sigiloso, isto é, comprometo-me a manter o anonimato dos respondentes. Espero poder contar com suas respostas sinceras e desde já agradeço pela sua disponibilidade e cooperação. **Escreva o que realmente pensa, não existem respostas certas ou erradas.**

Após o término do questionário, lacre o envelope e solicite que a direção da escola entregue no protocolo da diretoria de ensino, na gaveta da escola 37.

Obrigado.

Idade: _____ Sexo: _____ Tempo no magistério: _____

Situação funcional – () efetivo () estável () ACT/OFA – contratado.

1- Já ministrou aulas no projeto de reforço/recuperação?

() sim () não

2- Já assumiu anteriormente turma de recuperação de ciclo I?

() sim () não

3- Na atribuição de classe no início do ano você:

() escolheu a turma livremente na escola.

() a direção da escola lhe atribuiu porque você tem o perfil necessário de acordo com a proposta do projeto.

() não tive escolha foi a turma que sobrou na escola.

() escolheu a turma livremente na atribuição de aulas na diretoria de ensino.

() não tive escolha foi a turma que sobrou na diretoria de ensino.

() outras razões.

4- Você já atuava como docente antes da implementação da progressão continuada em 1998?

()sim ()não

5- Qual a sua opinião sobre esta afirmação: “ A educação nas escolas melhorou com a implementação da progressão continuada porque estabelece objetivos para serem atingidos em diferentes tempos para diferentes alunos”.

()concordo ()discordo ()concordo em parte

Por que?

6- O material utilizado nas aulas do projeto de recuperação de ciclo I atende suas expectativas?

()sim ()não ()em parte

Por que?

7- Quantas reuniões de capacitação você participou?

() 1 ()2 ()3 ()4

As capacitações/reuniões realizadas atenderam suas expectativas?

()sim ()não ()em parte

Explique brevemente sua resposta.

8- A formação continuada da qual você participou, através das capacitações/reuniões, alterou sua prática docente?

()sim ()não

Explique brevemente sua resposta.

9- Qual a sua opinião sobre esta afirmação: “O projeto de recuperação de ciclo I atende as necessidades apresentadas pelos alunos”.

()concordo ()discordo ()concordo em parte

Explique brevemente sua resposta.

10-Qual a sua opinião sobre esta afirmação: “O projeto recuperação de ciclo I oferece vantagens para o processo de recuperação de aprendizagem do aluno”.

()concordo ()discordo ()concordo em parte

Explique brevemente sua resposta.

11-Qual a sua opinião sobre esta afirmação: “ O projeto recuperação de ciclo I tem a preocupação de resolver o problema real do ensino: a aprendizagem dos alunos”

()concordo ()discordo ()concordo em parte

Explique brevemente sua resposta.

12-O projeto recuperação de ciclo I tem inconvenientes?

()sim ()não ()não sei

Explique brevemente sua resposta.

13-No próximo ano você trabalharia com turma de recuperação de ciclo?

()sim ()não

Explique brevemente sua resposta.

Anexo II

Senhora(or) Diretora(or)

Sou o professor Elio de Assis e curso o Mestrado em Psicologia da Educação na PUC/SP. Com o conhecimento do Dirigente Regional e do ATP responsável pelo projeto estou realizando uma pesquisa sobre ciclos de aprendizagem e recuperação na nossa diretoria.

Solicito a gentileza de repassar este questionário/pesquisa para as professoras que atuaram este ano em turma de recuperação de ciclo I.

O questionário/pesquisa deverá ser entregue na diretoria de ensino.

A colaboração dos professores é voluntária e tem caráter sigiloso, devem escrever o que realmente pensam, não existem respostas certas ou erradas.

Qualquer dúvida estarei à disposição.

Elio de Assis